

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA**

LEIDIMAR ALMEIDA BEZERRA

***FOOTBALL EM CAMPINA GRANDE: DESVENDANDO
OS MISTÉRIOS DA BOLA (1908 – 1958)***

**CAMPINA GRANDE – PB
2007**

LEIDIMAR ALMEIDA BEZERRA

***FOOTBALL EM CAMPINA GRANDE: DESVENDANDO OS MISTÉRIOS
DA BOLA (1908 – 1958)***

Monografia apresentada a Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Licenciatura.

Orientador: Dr. Antonio Clarindo
Barbosa de Souza

**CAMPINA GRANDE – PB
2007**



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

LEIDIMAR ALMEIDA BEZERRA

**FOOTBALL EM CAMPINA GRANDE: DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DA BOLA
(1908 – 1958)**

Monografia aprovada em ____/____/____

Professor(a): _____
Orientador(a)

Examinadores:

**CAMPINA GRANDE - PB
2007**

“A lei é sombra, púdica e hipócrita, do desejo de vingança da sociedade. Se, por uma razão ou por outra, as paixões se condensam, os ódios se acendem, deve-se aplacá-los, quietá-las, acalmá-los. Desafogar o aborrecimento sem exceder. Os tribunais são os lugares decentes da vingança. Não para encaminhá-los ao alvo correcto, mas para impedir que ocorram movimentos perigosos...”.

(Rugarli, G, *in 'La Troga'*)

A minha família: meus pais, Raimundo Leidimar e Sheila Dalva; meus irmãos, Lígia e Márcio; minha namorada, Juliana.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao professor orientador Antônio Clarindo Barbosa de Souza.

Aos professores da Universidade Estadual da Paraíba.

Aos professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Ao professor Fábio Gutemberg R. B. de Sousa (*In memoriam*)

A todos os educadores que marcaram a minha formação acadêmica e humana.

A minha namorada e companheira eterna, Juliana Conceição Albuquerque Mota.

Aos amigos universitários, indeterminadamente.

Aos irmãos de cúpula, Júnior e André Jácome, Philippe Guimarães, Jéferson Nóbrega e Gustavo Henrique.

Aos agregados José Marcus, João Paulo Alves, Eduardo Holanda, José Valmi, Márcio Mourato, George, Radamês, Ricardo Romão, Ewerton Cássio e Evandil Júnior.

Aos companheiros da Universidade que colarão grau neste último período.

A minha família, em especial a Raimundo Leidimar, Sheila Dalva, Marcio Almeida e Lígia Almeida.

Aos colegas da agremiação Papagaio Futebol Clube.

RESUMO

A presente monografia versa acerca da história do futebol campinense nos seus primeiros cinquenta anos, vale dizer, de 1908 a 1958. Visa a fornecer subsídios e embasamento para a discussão sobre as práticas culturais que regem as relações políticas entre sociedade e futebol, mapeando os valores incrustados nas sociabilidades dos munícipes. O exame do assunto, engendrado a partir da análise acurada de fontes jornalísticas, justifica-se na medida em que, sintonizado aos novos desafios com os quais a historiografia se depara, abre o horizonte do estudioso, conferindo-lhe outros objetos de estudos, por meio dos quais é possível conduzir o leitor aos melindres da história vivida. O estudo do cotidiano, sobretudo na sombra do esporte bretão, possibilita auscultar as tensões e deslocamentos que marcavam não só o cenário esportivo, mas também o ambiente social em que estava encartado. Perfilhando o movimento civilizatório dirigido à população local, o futebol destilou os seus propósitos, de modo a equacionar intentos similares, a respeito de um complexo projeto social. Deste encontro, sobraram faíscas e ranhuras, muito em razão da precariedade de um projeto que se arvorou no direito de homogeneizar os antagônicos elementos sociais.

Palavras-chave: Futebol; Campina Grande; Cotidiano; Projeto Civilizatório; Deslocamentos Sociais.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo I: A Instalação do Futebol em Campina Grande	18
1.1 <i>Football</i> : traço de diferenciação social.....	20
1.2 A figura do <i>Sportman</i>	22
1.3 Modernidade e educação física.....	23
1.4 A violência esportiva: o outro lado da moeda.....	26
1.5 Limites do esporte fidalgo: uma elite fragmentária?.....	30
1.6 Futebol e controle: o desafio da disciplina esportiva.....	32
Capítulo II: Futebol e modernização em Campina Grande	38
2.1 Dando nome e visibilidade aos times: influências locais e estrangeiras.....	40
2.2 Profissionalização.....	46
2.3 Culto ao corpo.....	47
2.4 Trabalho fabril e esporte: ligações amistosas.....	50
2.5 Futebol e política: ligações perigosas.....	52
2.6 Aumento das diferenças sociais entre os bairros.....	54
2.7 Futebol e carnaval: ligações estimulantes.....	55
2.8 Futebol e capital.....	58
Capítulo III: Diferentes fases do futebol campinense: arranques e atropelos ..	64
3.1 Os percalços e preconceitos das reformas urbanas.....	69
3.2 Culto ao futebol e à civilidade?.....	72
3.3 Futebol e “outros” esportes.....	77
3.4 Futebol em crise.....	79

Considerações Finais	85
Fontes	87
Referências bibliográficas	89

INTRODUÇÃO

Por muitos anos, privilegiou-se no estudo da História passagens e eventos que, de alguma maneira, primavam pela ostentação de homens, amalgamados na porção superior da pirâmide social que simboliza as relações de poder. Destarte, corolário de uma corrente historiográfica metódica, voltavam os historiadores os olhos para feitos datados e conquistas determinadas, a fim de imiscuir nas pessoas um sentido de pertencimento ou uma identidade que, por ora, se construía – identidade enquanto elenco de valores e práticas culturais, instituído por saberes autorizados, como regra comportamental a ser seguida dentro de uma atmosfera compartilhada. Parcela da sociedade, chamada de elite por arregimentar em suas mãos a capacidade de decidir sobre as necessidades de seus penuriosos co-irmãos, era retratada com pendor à exaltação; reproduziam-se seus “usos e costumes”¹, razão pela qual não seria exagero afirmar a propriedade refletora deste ideário excludente, como se um espelho que ilumina a imagem do objeto desejado fosse.

Todavia, como ocorre em todos os campos do saber, notadamente nas ciências humanas, a História também encarnou um árduo e entrincheirado processo revisional de seus postulados. De fato, são produzidos novos olhares acerca de um mesmo acontecimento, assim como é distendida a redoma científica, sobre cujos pilares estão assentados os objetos de estudo historiográficos. Renova-se a noção de documento e indícios, outrora olvidados, são doravante manuseados, no sentido de legitimar mais uma verdade possível. Sujeitos históricos silenciados, nesta propecta roupagem, ganham feições humanas, a partir do momento em que é

¹ Sobre usos e costumes, ver ELIAS, Noberto. **O Processo Civilizador**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p. 9-50.

desabilitada a tecla *mute* do televisor cultural e debelada, em termos, uma crise de inferioridade discursiva.

Este percurso lento e gradual nem sempre encontrou uma trilha a salvo de percalços. Não raro se viu renitentes historiadores insistindo na vetusta fórmula maniqueísta, segregando heróis e derrotados, na perspectiva de atender aos interesses reclamados pelo seu lugar social. Como se não bastasse, ainda é perceptível, na pluralidade hodierna, fanáticos que encarceram a História num pseudo-pedestal científico, privando-a da interação sempre saudável com outros ramos de estudo.

Como era de se esperar, o interesse pelo super-homem translada-se para o genuíno herói do cotidiano, qual seja, o homem ordinário. O sistema decisório formula posturas, com vistas à uniformização e homogeneização de comportamentos. Enxerga no homem a figura da marionete, cujas atividades se cingem à obediência das ordens hierárquicas. Michel de Certeau², neste diapasão, redargüi esta engrenagem, na medida em que delineia a reinvenção das práticas no cotidiano das pessoas. Valendo-se de “mil astúcias” e satirizando os devaneios de seus pares, este homem mede forças na altercação travada entre táticas e estratégias. O “comum”, este sim, pode mostrar as sensibilidades de sua época, as idiossincrasias que afloravam nas atitudes mais comezinhas.

O labor monográfico, que agora inicia sua caminhada, debruçar-se-á sobre a vivência das pessoas, mais precisamente quando estas se deleitam no lazer circunscrito dos espaços públicos. Nesse sentido, pela virtuosidade de elementos que confere ao estudioso, foi escolhido o jogo de futebol como prática de sociabilidade para encetar o eixo temático. Compromete-se, com isso, a flertar

² Ver CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Vol. 1. Petrópolis – RJ: Vozes, 1993.

timidamente com esta imagética, por causa dos arranjos e reflexos que a sociedade desperta no esporte, objetivando, mediante esta suposta congruência, retratar os fatores de poder em ação, bem como as faíscas e desencontros gerados por esta aproximação.

Entende-se que o divertimento público apresenta uma variável que o faz singular frente a outros acontecimentos da vida em sociedade. É cediço que as pessoas, quando se aventuram em locais públicos, procuram se comportar e elaborar uma imagem daquilo que gostariam de ser, mais do que realmente são (isso, quiçá, nem elas mesmas saibam). Desta forma, fabricando uma representação que a reconheça numa estrutura social, estas pessoas fornecem subsídios suficientes para auscultar-se a mentalidade da época, os códigos de convivência, a indumentária requerida para tais eventos, bem como uma miríade de fatores a ser esmiuçada no decorrer desta empreitada.

É de se antecipar ao leitor que a pesquisa realizada nos últimos meses, e que redundou neste trabalho final de conclusão de curso, é, na verdade, um começo de conversa. O paradoxo fim/início se justifica. Há na Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande um gabaritado rol de pesquisadores que se dedicam ao estudo do cotidiano. Após as modificações pelas quais passou a historiografia, aqui rapidamente pontuadas, abriu-se ao horizonte do historiador um leque amplificado de possibilidades sobre os quais pôde contemplar suas mais variadas opções temáticas.

Neste sentido, um projeto ousado e desbravador desta Unidade, capitaneado sobretudo pelo Prof. Antonio Clarindo Barbosa de Souza, propôs-se a estudar a história do futebol em Campina Grande, desde a implantação do jogo às décadas mais recentes. Este plano, malgrado a resistência teórica e temática da Academia a

respeito deste peculiar objeto de estudo, não se deixou desprestigiar na mente de seus idealizadores. Foi justamente com este incentivo que esta produção textual se materializou. Como já era de se supor, estabeleceu-se, além do recorte espacial preliminar, Campina Grande, mais uma intervenção cirúrgica, desta feita de ordem temporal, muito em virtude das limitações que pautam a graduação: a narrativa dá o pontapé inicial em 1908, comporta a chegada oficial do jogo em Campina Grande, estendendo-se até o final da década de 50 do século passado.

Este prelúdio não é completo, nem se propõe a ser; daí a razão do interregno extenso. De fato, esforça-se para contar uma história que atravessa todos estes anos, o que rechaça, de antemão, a tentativa de reproduzir fielmente o vivido (o real ou o que se viveu), muito embora não se encontre radicalmente desvinculado de um sub-reptício regime de verdade. Recorre e abusa de indícios e vestígios palpáveis que enrijecem e embasam a formulação da narrativa historiográfica.

Preferiu-se utilizar, metodologicamente, fontes jornalísticas para atender tal intento. Matérias e crônicas colacionadas nos periódicos da época vitaminaram o trabalho, conferindo-lhe a energia de que precisava para (re)significar as sociabilidades pertinentes ao futebol. Estes jornais³ compõem o acervo documental do Museu Histórico Municipal, e foram doados por Antônio Fernandes Bióca, personagem que, oportunamente, será apresentado ao leitor. A partir da análise destes encartes, aos poucos amadureceu a representação dos principais passos dados pelo esporte.

O bojo metodológico da História Oral, nesta perspectiva, foi guardado para um segundo momento, quando, sanados os vícios deste contato inaugural, a pesquisa, espera-se, ganhará um novo fôlego. Não se trata de menosprezar ou

³ A pesquisa teve-se a jornais de Campina Grande, João Pessoa, Patos, Moreno e Recife, conforme lista de fontes ao final informada.

diminuir o contributo que a História Oral tem a oferecer. Longe disso, para extrair deste estudo aquilo que talvez lhe seja mais caro, vale dizer, o ineditismo das notas prestadas por aqueles que salvaguardam nos obscuros labirintos da memória a representação do seu cotidiano, é necessária uma pesquisa extensa, dispendiosa e perfeccionista. Não se quer delegar responsabilidades, atribuindo aos problemas estruturais de uma universidade pública os lapsos da atividade monográfica. Todavia, a greve do quadro administrativo que acometeu a UFCG neste último período, direito, frise-se, constitucionalmente reconhecido, comprometeu a qualidade da pesquisa, na medida em que inviabilizou o acesso, dentre outros serviços, à biblioteca e ao aparato funcional que conduz o dia-a-dia acadêmico.

Considerações a parte, importante é perceber que pela própria natureza e envergadura do projeto, este trabalho não exaure o tema, nem tem a preocupação de fazê-lo. Expõe-se às críticas acadêmicas sem prevaricação, na certeza de que um caminho pode estar sendo aberto ao se enfrentar o futebol equidistante das paixões que o animam. Dos dados colhidos, radiografou o modo de vida dos campinenses na época do *boom* econômico, proporcionado pelo cultivo de algodão; análise que se arrastou ao final dos anos 1950.

Urge notar que as notícias futebolísticas, sejam elas locais, nacionais ou internacionais, entrelaçam-se nas edições dos jornais, muito em virtude dos reflexos que umas exercem sobre as outras. Nos anos de copa, por exemplo, a tendência era de que os informes internacionais ganhassem um maior destaque, fato que, não necessariamente, arrefecia o futebol telúrico. Portanto, não se pode perder de vista o intento primordial do projeto, a saber, o futebol analisado como espaço social, em que se confluem valores, significações e práticas culturais, apesar de, nesta

oportunidade, deparar-se com vetores temporais que incidem no propósito de estudo.

Ademais, por tratar-se de um esporte popular e, com efeito, por congregarem inúmeros “curiosos”, acaso prossiga o interesse acerca deste objeto historiográfico, não se contentará o projeto com a modalidade impressa do enfoque jornalístico. Buscar-se-á, no momento vindouro, a colaboração, mediante entrevistas gravadas, de radialistas, ex-atletas e demais pessoas que costumavam frequentar estes embates esportivos. Muitas vezes, as impressões pessoais do jornalista-editor não são incrustadas nas reportagens, ora por não constituírem seu principal desiderato, ora pela aspereza a que é submetido o editor no registro de suas percepções. Antevendo esta problemática, colima-se com o trabalho inquisitivo suprir os lapsos porventura deixados pelo suporte impresso do jornal citado.

Impende aduzir que este projeto vem atender a um remoto anseio acadêmico de contemplar a atitude esportiva, sobretudo o futebol, como lugar destinado a promover outras práticas sociais. Alguns historiadores já mergulharam no ambiente futebolístico, movidos, de quando em vez, pela afeição a um clube da cidade em tela ou de outra localidade. Esta não foi a aspiração deste estudo. Longe de chancelar uma apologia a qualquer escudo ou defender as cores de uma entidade, visou-se a preencher uma lacuna na história de Campina Grande, máxime quando sobre o mesmo fato ou mesma época se metamorfosearam os pressupostos da pesquisa. São de importância indeclinável os trabalhos que já se propuseram a descobrir as vicissitudes do Interim recortado. Entretanto, nessa caminhada, almejou-se alargar o campo de visão dos estudiosos, adstrito, até então, ao crescimento vertiginoso da cidade nos anos 40, aos efeitos nem sempre benéficos desta abrupta expansão, à

mobilização social de seus habitantes, ao papel social da mulher ou do negro nestes movimentos, às reformas urbanísticas empreendidas, etc.⁴.

Ao passo em que se desprende destes objetos de exame, a pesquisa impôs a si mesma o primeiro obstáculo, o frenesi temático do que saiu, a bem pouco tempo, do forno. Sem a cautela devida, corria-se o risco de forjar possibilidades e deixar escorrer pelas mãos indícios valiosos. Para brevar eventuais saídas de rota, e conseqüente assunção de diretrizes fugidias, optou-se, a despeito da inebriante riqueza do tema, situar o futebol dentro da lógica social que o respaldava. Esta retaguarda foi necessária para equilibrar e aspirar o sumo ou a essência intelectual da monografia, qual seja, defender a idéia de que o futebol – não só o jogo propriamente dito, mas as relações e práticas que o envolvia e continua a envolver – e a sociedade estão intimamente ligados por fortes e complexas intersecções culturais, cujos limites e tensões são partes iterativas na (re)construção do cotidiano das pessoas.

A História nem sempre, ou quase nunca, ao contrário do que pensava o médico Tomas, um dos protagonistas de “A Insustentável Leveza do Ser” de Milan Kundera⁵, é feita de acasos e coincidências. Evidente que o fortuito faz parte das relações sociais, e o homem não pode escapar a esta constatação. Entretanto, lhe é reservado uma considerável margem deliberativa, por meio da qual é possível guiar suas opções e estratégias de poder. Tudo isto para explicar que, por trás de verossimilhanças banais, podem estar na espreita variações de sensibilidades hegemônicas da época.

⁴ Sobre o tema, ver AGRA DO Ó, Alarcon et al. **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**. 2a ed. João Pessoa: Idéia, 2005.

⁵ KUNDERA, Milan. **A Insustentável Leveza do Ser**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.

Por estas razões, procurou-se duvidar e questionar os elementos postos na escrivaninha de trabalho. Assim procedendo, viável se fez, em certa medida, a relativização dos discursos insertos nos jornais, bem como a oitiva de sujeitos históricos que, à sua maneira, apropriaram as imposições e valores que lhes foram autoritariamente fixados, energizando o fluxo comunicativo compartilhado entre seus pares.

Cronologicamente, o capítulo preambular resgata o inventário do futebol na cidade em foco, destacando o caráter dos discursos que o tinham como alvo, a partir da introdução oficial da pelota pelas mãos de Antônio Fernandes Bióca (o mesmo que, num ato de liberalidade, doou seu estoque documental ao museu do município). De início, o jogo de bola foi apreendido como uma atividade própria de pessoas refinadas e elegantes. A sociedade local, naquela época, estava em fase transitória, posto que patrocinava um projeto civilizador para (re)instituir os códigos culturais e políticos até então vigentes. O futebol, acompanhando esta dança, acertou o passo e redimensionou sua ideologia, a fim de se adequar a esta bandeira flutuante. De toda sorte, este tópico viaja pela história, no desejo de delinear a imagem inicial que foi dada ao jogo.

No capítulo subsequente, o futebol é enquadrado mais precisamente nos assuntos que convinhavam à cidade. O sopro progressista intensificava-se, na medida em que o aporte financeiro que rodeava a cidade era empregado na construção deste paradigma. Campina Grande tenta rejuvenescer-se física e ideologicamente. Grécia e Roma, conhecidos pela filosofia ocidental como berços da cultura e civilização, segundo os entusiastas campinenses, pareciam ter enjoado do assédio a que eram vítimas, escolhendo o solo campinense como natural sucessor para

carregar o bastão da sapiência. Este sentimento apologético invadiu também a seara esportiva, reproduzindo medidas auto-afirmativas.

Todavia, não só de maravilhas vivia a sociedade campinense. Antes de tudo, os privilegiados que comandavam o futebol não conseguiram conservar a fidalguia que o jogo pretendia exigir. O esporte popularizou-se e começou a ser praticado por vários elementos sociais. Ao contrário do que se pregava, tornava-se, paulatinamente, um espaço hostil e virulento, no qual jovens se digladiavam pelo comando da bola. Tanto o movimento de expansão na quantidade de praticantes, quantos os ruídos e ranhuras nas canchas futebolísticas simbolizam a complexidade das sociabilidades locais, como também são sintomas dos conflitos que caracterizaram a cidade, a despeito da imagem harmônica e coesa vendida pelos discursos esportivos e sociais. Será sobre este ponto nevrálgico que se desenrolará a análise do 3º e último capítulo.

Preunciadas as balizas analíticas e passadas as devidas e necessárias apresentações, convida-se o leitor a mergulhar a fundo no ambiente futebolístico, desarmado da desconfiança construída em torno de um tema pitoresco e agradável.

CAPÍTULO I

A INSTALAÇÃO DO FUTEBOL EM CAMPINA GRANDE

Em 23 de fevereiro de 1908, o jovem estudante Antônio Fernandes Bióca, prestes a completar 14 anos, não imaginava que, despretensiosamente, entraria em vias de contato com o esporte mais arrebatador do século XX. Mais do que isso. Não idealizara antes, nem nos seus mais otimistas e pedantes sonhos, que seria o fio a conduzir este fenômeno social à sua terra natal, Campina Grande.

Ancorado em falas memorialistas, supõe-se que, naquele dia, serpenteando as trilhas e artérias da Parahyba do Norte, tenha Bióca presenciado uma partida do, até então, nebuloso esporte jogado com os pés, no qual onze homens se dividiam em duas equipes adversárias, motivados todos a transpor as linhas do *goal*, demarcadas por três postes, provavelmente de madeira, com uma circunferência revestida de couro. Saliente-se, ainda, que dois dentre os contendores possuíam a prerrogativa de manusear esta esfera com as mãos, na área limitada às proximidades das traves.

Esta imagem parece ter-lhe despertado a atenção. Estático diante daquela aglomeração humana, não via a hora de, também, articular seus membros e participar daquele entretenimento aparentemente divertido. Detentor de uma perspicácia acurada, atentava Bióca para o fato de que, naquela arena esportiva, só jogadores de seu círculo social se propunham a experimentar o *foot-ball*. Uma idéia ocorreu-lhe logo a mente.

Tomado por uma alegria súbita, descobria o mancebo o que, doravante, iria mobilizar e dinamizar as entediadas férias escolares, usufruídas, quase sempre, no aconchego do lar campinense. Vislumbrava, desde já, o lugar perfeito para ensinar

aos seus colegas as regras do jogo, ao passo em que esboçava, na periferia do rosto, um leve sorriso, provocado pelos atropelos e “furadas”⁶ que, certamente, estavam por vir. Como antevia partidas iniciais caóticas, esmerava-se na técnica do jogo, bem como nas normas que lhe emprestavam sentido e ordem.

No princípio da década de 1910, trazia consigo, no trajeto já trivial entre a Capital do Estado e Campina Grande, a primeira bola de borracha que esta cidade teve notícia. Informa a memória cidadina que, por estas datas e com este equipamento, realizava-se no Colégio Prof. Clementino Procópio um tumultuado corre-corre, o qual, para o olhar contemporâneo, nem de longe simulava o esporte bretão. Ao constatar que este arado confuso e desvairado não cultivava bons frutos, pretendia o portador das boas novas colocar, devidamente, os pingos nos is, e, sobretudo, sedimentar a fidalguia que o jogo estava a exigir.

Desta feita, acompanhado dos seus colegas⁷ de similar maternidade social, e fazendo uso de uma pelota encourada, aos vinte e quatro dias do mês de junho de 1913, Bióca levava a cabo o primeiro treino de futebol, nas imediações da Rua Felizardo Leite, atual Pres. João Pessoa. Não haveria outro local melhor para apresentar o jogo refinado à sociedade local. De fato, o *foot-ball* ingressava no município empurrando a porta frontal, isto para alertar aos recalcados de onde provinha a sua seiva genética. Na condição de “chaleira em plena efervescência”⁸, o treinamento nesta via pública teria consumido o sono matinal do delegado municipal, Alferes Joaquim Henriques. Acostumado a ocorrências simples e casuais na

⁶ Lance futebolístico no qual o jogador, com ânsia de acertar em cheio a pelota com os pés, por erro de percepção espacial, nada encontra ao seu alcance, movimentando o membro inferior no vazio. Jogada própria de quem não tem boa afinidade com este esporte.

⁷ Estavam presentes Tertuliano Souto, Severino Almeida, Venâncio e José Eloy.

⁸ Expressão cunhada por Cristino Pimentel para retratar a rua citada. PIMENTEL, Cristino. **Pedaços da História de Campina Grande**. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1958.

Campina de antanho, não esperava a autoridade constituída bater-se com rapazes desnudados, arremessando um molambo de couro, para cá e acolá.

A moral da época não permitia que pessoas desfilassem, em plena visibilidade pública, com vestimenta econômica e retraída. A despeito da repreensão imediata deste mantenedor da ordem, a ignorância demonstrada perante o jogo não importava, para aqueles juvenis, conseqüências mais drásticas. Não se atreveria a polícia a inverter as relações de poder que mantinham viva a herança oligárquica destes filhos telúricos.

1.1 FOOTBALL: TRAÇO DE DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

Transcorridos dois anos, entremeando treinos e contatos, Bióca e seus asseclas assentavam os alicerces da primeira sociedade esportiva campinense, intitulada *Sport Club High-Life*. Não é preciso ser um exímio estudioso das letras inglesas para concluir que esta instituição estava para poucos reservada. Endereçado que era seu recado aos nobres campinenses, a vida elevada da, também elevada, sociedade local dispunha, neste instante, de um grêmio esportivo, no qual se podiam exercitar e desenvolver os benefícios carreados pela atividade física. Outrossim, a cidade conectava-se ao que de mais famigerado havia no ramo esportivo, posto que ostentava, agora, um símbolo da civilização inglesa, procedência que, de antemão, já conferia ao jogo um sabor refinado.

Nada mais intrigante perceber que um jogo difundido nas redondezas proletárias da Inglaterra oitocentista tenha adquirido uma feição requintada nos demais países pelos quais se expandiu. Crê-se que, no estriamento tecnológico e econômico britânico propagado pelo globo, pegava carona o *foot-ball*,

assenhoreando-se de um movimento que nutria nas elites o desejo de se aproximar do imaginário nobre e progressista, pairado no berço civilizatório. Ademais, teriam os imigrantes ingleses reforçado esta laureada imagem do esporte, a fim de angariar a estima e o respeito dos ilustrados locais. De certo que esta “reinvenção dos sentidos” justifica a afeição com que os estudantes de alguns países encaravam o jogo de pelota⁹.

Nos trópicos, em especial no Brasil, a *áurea* que encobria o *foot-ball* encontrava terreno fértil para disseminar-se nos núcleos juvenis. A elite pátria, máxime na Capital do País¹⁰, ansiava a emergência de um novo signo nacional que reascendesse e remodelasse as fronteiras sociais apagadas por um engodo igualitário republicano. A proclamação da República consolidava um ideal isonômico que ganhara força, em 1888, com a abolição da escravatura. Por seu turno, a Carta Magna de 1891 reverberava os ecos libertários que se espalhavam nas senzalas da aristocracia, além de sufragar um movimento constitucionalista embebido no paradigma liberal francês. Estas notas teóricas, no entanto, não engrenavam palpáveis mudanças sociais. Os negros, assim como outros seres desviantes, continuavam a ser marginalizados, independente do status civil que portavam.

É seguindo este raciocínio que se afirma a edificação de outros mecanismos diferenciadores a se fazerem presentes no seio social, com o intuito de reavivar e colocar a mostra a clivagem que distinguia os agrupamentos humanos. A bem da verdade, apesar destas mudanças políticas não terem representado uma fratura

⁹ Para saber mais sobre a atração do futebol britânico, desde os fins do século XIX, entre os círculos operários, ver PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Já sobre futebol na Inglaterra do período, SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, metrópoles e desatinos**. Revista USP, n. 22, jun./ago. 1994.

¹⁰ José Murilo de Carvalho defende que o Rio de Janeiro, na condição de centro político e administrativo, reunia as principais preocupações vigentes no país, na medida em que projetava e redirecionava, para as demais subestações/cidades brasileiras, as idéias e sentidos hegemônicos. CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

consistente na sociedade, não se pode negar o poder que códigos sociais definidos exerce no cotidiano das pessoas. Desta forma, mesmo diante de um corpo social fragmentário, necessitavam setores da elite dar uma demonstração de força, engendrando equipamentos modernos que posicionassem, no seu devido lugar, os variados elementos sociais.

O futebol, nesta perspectiva, caía como uma luva na aspiração ideológica de dominação, cujos limites tinham sido sutilmente obscurecidos por uma ardilosa promessa de igualdade. Se, na Capital Federal, o esporte bretão justificava a superioridade de uma restrita elite em detrimento de negros e pobres que perambulavam por seus labirintos urbanos, na Campina Grande de Bióca, não havia sido diferente. Longe de compará-la à vitrine carioca, aquela cidade serrana também propunha, em proporções modestas, uma distinção social, tendo como diferencial ponto de partida o *foot-ball*.

1.2 A FIGURA DO *SPORTMAN*

Mirar e acertar a pelota, tarefa árdua em tempos de implementação do jogo, era mais do que um lazer inusitado, representava a afinação retilínea com valores delgados e graciosos. Para preservar esta imagem purificada, a salvo de vícios e deturpações, era inadmissível a presença infausta e perniciosa dos desocupados. Nascia, assim, de parto complicado e doloroso, a figura inconfundível do *sportman*. O futebol não só era um esporte fidalgo puro e simplesmente, mas, sim, uma arte, cujos segredos eram guardados e passados para poucos. Só aqueles que fossem familiarizados e tarimbados nos entrincheirados caminhos do saber técnico poderiam dar conta da ciência futebolística. Este caráter científico não passava de

uma estratégia que, extasiada com a pompa conferida ao jogo, excluía, criteriosamente, os excessos humanos existentes, decidindo quem devia ou podia testar seus chutes.

Vê-se, portanto, que ao novo ente instituído, a saber, o homem versado nas propriedades esportivas, era fornecido um código de conduta compartilhado, capaz de perscrutar-lhe os passos, mesmo que estivesse a léguas de distância. Um modo peculiar de ser e de portar-se impedia atitudes impulsivas e, por outro lado, valorizava gestos altivos e aprumados de seus sequazes. A contradição deste discurso estava evidente. Ao mesmo tempo em que se diziam porta-vozes da civilização, os *sportmen* restringiam a prática do jogo aos seus pares. Esta lógica excludente e antagônica teve que, rapidamente, se adaptar ao novo estado de coisas que se aproximava. Depois de um prelúdio presunçoso, caracterizado pelo nariz empinado, o futebol logo despertava o entusiasmo da massa preterida.

1.3 MODERNIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA

Com maior ou menor celeridade, idéias progressistas, liberais e modernas aportavam em quase todos os recônditos nacionais, trazendo a reboque a desconstrução de sentidos havidos por ultrapassados. Espelhados na experiência parisiense e londrina, os letrados colimavam maquiagem de brilho civilizado as cidades sob seu protetorado.

Ciente das limitações físicas de municípios como Campina Grande, inviável era trasladar o ritmo frenético e as nuances cotidianas daquelas metrópoles. Em seu lugar, conquistas materiais tornaram-se os símbolos de uma sociedade fulgurante, no sentido de que a implantação de um ou outro emblema moderno media o seu

nível de civilidade. Assim é que rede de esgotamento sanitário, abastecimento d'água, serviço de energia e linha férrea eram indicativos do progresso e do avanço das cidades.¹¹ Este aparato material passava ao imaginário urbano, mais do que deslumbramento e desconfiança, a reconstrução de valores que permeavam as práticas sociais.

O futebol, por tudo que foi dito, não estava alheio a este desiderato civilizador. Embebido numa sociedade que valorizava insumos estrangeiros, de preferência gauleses e britânicos, este esporte trafegava pelos espaços urbanos, no início do século XX, portando no bolso sua árvore genealógica. Por isso, era válido para a elite campinense vestir a camisa deste esporte, na medida em que desbancava e ultrapassava outras cidades no *ranking* cultural e progressista. A despeito disso, a recepção do jogo encontrava resistência ferrenha em alguns círculos sociais. A própria elite local reagia antagonicamente ao florescimento de ícones modernos.

A primeira dificuldade residia na aversão e desdém que setores da elite tinham em relação ao exercício físico. Esta indiferença é, aos poucos, minada pela infiltração de teorias européias que realçavam os méritos da educação física. O discurso higienista invadia a vida privada das pessoas, prescrevendo padrões comportamentais a serem seguidos, a fim de sintonizar o corpo à assunção de atividade salutar, há anos vista com receio pelos letrados autóctones.

Estas doutrinas apologéticas dedicavam maior atenção à juventude e à infância, porquanto ainda não pervertidos pela inércia e indolência que marcavam os adultos. Contra a alegação de que o esporte era fator de degeneração, posto que inibia o raciocínio e intelecto dos praticantes, defendiam a abnegação,

¹¹ Sobre a chegada destas conquistas materiais nas cidades do Norte, e o universo imagético subjacente, ver ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880 – 1925)**. Doutorado em História. Campinas, UNICAMP, 2001.

companheirismo, solidariedade e cavalheirismo perpassados pelo jogo, apto que era a redefinir e desenvolver o caráter nacional.

Aproximadamente dois anos após a fundação do *High-Life*, o *Jornal do Sertão* tipografava, em seu encarte, o informe propagandístico do Instituto 7 de Setembro. Estabelecimento destinado ao ensino primário e secundário, fazia questão de salientar que colocava à disposição dos alunos “exercícios físicos e um curso especial para crianças do sexo feminino”¹². Registrada a educação distinta ministrada a meninos e meninas, tem-se a dizer que o discurso pregando as vantagens da saúde corporal já havia chegado nestas paragens com toda força, alertando aos genitores a necessidade premente de atentar para os males causados por um corpo impotente e moribundo.

Era um problema, portanto, fazer com que esta elite discrepante e desidiosa comungasse e desfrutasse das maravilhas sugeridas pela mobilidade física. Eunice R. Moura, professora do Grupo Escolar Rio Branco, situado na cidade de Patos, já na década de 1930, adicionava à discussão um elemento inovador. Para a educadora, as condições geográficas contribuía no enfraquecimento do organismo. Assim, visando sanar eventuais atitudes viciadas, a educação física, “enquanto pedra angular do desenvolvimento geral da educação”, viabilizava as faculdades cerebrais, na conformação de um corpo viril e saudável: “exercícios gímnicos são necessários, sobretudo entre nós, onde o clima tem a propriedade de nos tornar moles sem vida, como se fossemos todos opilados”¹³.

Vislumbra-se a simbiose, nestes discursos, de teorias deterministas e sanitaristas. Vetores naturais seriam responsáveis pela inferioridade de grupamentos humanos. Esta construção histórica flertava com a capacidade de o

¹² *Jornal do Sertão*, Patos, Anno II, Núm. 62, 8 de julho de 1917.

¹³ *Jornal Educador*, Patos, Anno I, 31 de maio de 1935, p. 3.

organismo exercitado igualar-se às pessoas residentes em climas temperados, uma vez propícias à robustez e vitalidade corpórea. Este obstáculo difícil de ser transposto não se comparava à repugnância que o *foot-ball* despertava em alguns cavalheiros. Se já era traumático admitir atividade física, empreitada homérica seria vender o jogo de pelota aos abastados.

1.4 A VIOLÊNCIA ESPORTIVA: O OUTRO LADO DA MOEDA

A genética do *foot-ball*, no espaço hábil ao desenvolvimento de modismos e práticas inglesas, não garantia a afeição de segmentos elitistas, estupefatos com a irracionalidade com a qual se debatiam vinte e dois jogadores. Mesmo que fundissem várias teorias e discursos europeus modernos, destacando o bem proporcionado pelo esporte, alguns letrados permaneciam com o pé atrás, ressabiados com a aceitação imediata de um jogo truculento.

João da Matta, intelectual da época, em meados de 1921, rabiscava sobre um tema instigante e polêmico, qual seja, “a eugenia e o direito actual”. Nos seus escritos, restava sintetizado o pensamento representativo de elementos sociais destacados. Por partes:

Os maiores sábios mundiaes são hoje adeptos da eugenia, e toda a ciência biologica, na athitude de ancilla, presta obedientemente seus cabedaes à ciência do aperfeiçoamento physico, moral e intelectual da espécie humana¹⁴.

Este parágrafo prefacial ambientava o leitor na legitimidade internacional em que a pena do cronista se embasava. A eugenia e o apego à evolução da raça

¹⁴ Revista Nova Era, Parahyba, Anno I, Num. 4, 15 de maio de 1921.

humana era uma realidade que, volta e meia, demandava a opinião e divagação dos ilustrados, sobretudo após a articulação, na capital paulista, em 1917, da primeira sociedade eugênica da América do Sul. A apologia à atividade corporal vinha em seguida:

O exercicio physico é tão necessário ao desenvolvimento de uma raça como o exercicio intellectivo. Um e outro praticados simultaneamente, com as regras exigidas pelo methodo do aperfeiçoamento, elevam ao apogeu da grandeza os povos que a elles se dedicam¹⁵.

O esporte, neste diapasão, tinha o condão de aprimorar o perfil atlético que o corpo tanto carecia. Para tal intento, era preciso respeitar o escopo normativo que o regia. Todavia, constatava um ponto desfavorável à implementação do futebol em solo brasileiro e, por conseguinte, paraibano. Segundo ele, “attendendo, porém, às condições climáticas de nossa região tropical, notamos que o football é dos desportos o menos compatível com os nossos costumes”¹⁶.

Até aqui, nenhuma novidade. Com sutileza e compostura, sobredito escritor mantinha sua preferência pelas regatas e natação, visto que, completas, trabalhavam todos os setores e funções do organismo humano. O termo final desta peripécia textual revela, no entanto, a genuína preocupação do autor, bem como os sentidos emprestados ao futebol por parcela da elite ilustrada:

Enveredemos todos os nossos empenhos para o triumpho e successo desse excellente deporto (remo) e trabalhemos cohesos e perseverantes para que elle predomine sobre essas cavalhadas britannicas que, quando não estafam os órgãos do luctador, deformam-nos ao choque de pernadas violentas e intempestivas¹⁷.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

Urge pormenorizar, detidamente, a torcida engendrada pelo cronista; tornava pública, não só a indiferença, mas o verdadeiro desprezo com que enxergava o esporte bretão. Se o homem necessitava de exercícios que elevassem a cultura física, o jogo de pelota não se mostrava o caminho adequado. Apimentava a discussão, ao aditar um ingrediente novo neste caldo científico em que se transformava o futebol: a violência.

Em que pese a sinonímia requintada e fidalga hipotecada ao *foot-ball*, o apito do *referee* iniciando os *matches* parecia desmentir a falação dos *sportmen*. Jogadas bruscas, de contato físico acirrado, não qualificava o esporte, tampouco germinava nos praticantes valores cordiais. Os embates pebolísticos sinalizavam mais botinadas institucionalizadas do que qualquer outra coisa. Com efeito, esta fala da época é por deveras válida e esclarecedora, na medida em que problematiza a compactação do discurso elitista, até então unísono, e evidencia a flacidez e descontinuidade deste processo de implantação do futebol.

Não se pode descuidar, nesta lógica, a presença paulatina dos marginalizados na seara esportiva. Este já era um motivo suficiente para que a elite radical não apoiasse o futebol, a fim de inibir uma inevitável mistura social. A inquietude maior, contudo, não era essa. A violência nos jogos refinados era um presságio do que poderia advir nas partidas entre populares. O mal-estar que acometia a elite fazia com que mudassem as estratégias discursivas.

Muitos abandonavam, enquanto era hora, a prática do futebol. Mesmo identificado com destaque, as confusões, cada vez mais frequentes, colocavam este repertório ideológico a perder. A elite não gostava de ver sua imagem conspícua associada à balbúrdia e desordem, até porque este demérito social era

reservado e atribuído a outros elementos sociais, em virtude do qual lhes aplacavam políticas repressoras e autoritárias.

Neste sentido, é enriquecedor suscitar o exemplo do Campinense Club. Fundado em 12 de abril de 1915 por um grupo selecionado de aristocratas campinenses, visava patrocinar lazer e atividades sociais entre as rodas opulentas da cidade. Única entre tímidas sociedades recreativas locais, este sodalício dançante simbolizava uma disputada passarela, na qual os afiançados, bem como aqueles que por tal se passavam, desfilavam e ostentavam, nas vestes e adereços, sinais da abundância econômica e cultural. Composto de um ritual translúcido na vida interiorana, o que não importa afirmar, inexoravelmente, a ausência destes códigos sociais em outras cidades ou mesmo em metrópoles, estes momentos de desfrute ajudavam a sedimentar valores e tendências nas práticas cotidianas dos modelos que ali trafegavam, como também da atenta e cobiçosa platéia.

Natural, pelo que foi dito, que esta agremiação experimentasse um esporte caracterizado pelo requinte dos seus súditos¹⁸ e por seus nobres e elevados propósitos. Em junho de 1919, o Campinense Club encetava seu primeiro time de *foot-ball*, formado pela mesma corrente sanguínea daqueles que costumavam freqüentar as suas dependências no horário noturno.

Este teste empírico parece não ter agradado a diretoria daquele grêmio recreativo, uma vez que, já em 1920, logo após a deflagração das primeiras partidas, o futebol sob sua chancela era sepultado. Só na década de 1950, mais precisamente em 1954, voltaria o jogo de bola a integrar a ramificação esportiva deste clube. Isto porque, apesar da reprimenda futebolística, o “Aristocrático”, como

¹⁸ Sobre a religião do exercício físico e a fé atlética professada pelos seus seguidores, ver PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *op. cit.*, p. 42-55.

era conhecido na cidade, continuava a patrocinar neste íterim outros esportes, como o tênis, cuja quadra só foi destruída na década de 1960.

Qual seria a razão, portanto, desta indisposição com o jogo inglês? Muito embora componha cenas de capítulos vindouros, as constantes brigas e divergências nos confrontos pebolísticos faziam com que o clube preferisse adotar esportes menos impetuosos e brutais. O vôlei era, nesta lógica, uma ótima saída encontrada pela diretoria, consciente da dificuldade que seria escoimar a imagem, até então, incólume do clube, caso continuasse a avalizar as caneladas do futebol.

1.5 LIMITES DO ESPORTE FIDALGO: UMA ELITE FRAGMENTÁRIA?

Em Campina Grande, após o insucesso do Campinense e do *High-Life*, nome cuja pronúncia escoreita pelejou a ser alcançada¹⁹, este último fundado para gozar uma vida longa, conquanto extinto em 1916, vários outros clubes eram fomentados, tais como o Palmeiras Sport Club, Comercial Sport Club, América Sport Club e o Palestra Itália. Alguns motivos e circunstâncias podem ser inventariados e elencados para justificar o infortúnio daquela nobre sociedade esportiva. Para tanto, é profícuo aperceber-se, como já assinalado, que a atividade física provocava arrepios e calafrios em setores da elite.

Poder-se-ia argumentar que o desabrochar destas novas agremiações campinenses significava a solidez que o futebol atingira entre as elites locais. Olhado com mais acuidade, os nomes dos clubes tem mais a dizer do que simples vocativo identificador. Bairros e clubes profissionais concediam um de seus signos

¹⁹ Informa Mário Vinícius Carneiro Medeiros que poucos admiradores campinenses do esporte bretão pronunciavam corretamente a designação deste clube, constatação que, além de cômica, transparece a incapacidade do discurso letrado em restringir este jogo aos seus privilegiados círculos sociais. MEDEIROS, Mario Vinícius Carneiro. **Treze Futebol Clube: 80 anos de História**. João Pessoa: União, 2006.

políticos a associações desportivas. Esta atitude colidia com o que pensavam os mentores do *foot-ball*. A razão é clara: a prática do jogo nos bairros e entre comerciários ou bancários, por exemplo, denotava que a restrição arbitrariamente imposta cedia aos influxos dos populares, alvejando personagens indesejados, e construía uma rede de compartilhamento sectário, em oposição ao sentimento unívoco municipal. O engatinhar desta difusão preocupava e, justo por isso, era acompanhado pelos legítimos *players*.

Uma observação se faz necessária, neste momento, para que não se cometa equívocos históricos irreparáveis. Não obstante a referência explícita à cidade carioca, quando da circunscrição afunilada que o *foot-ball* ali arregimentava, é ilógico defender que, em Campina Grande, a “elite” também confinou o esporte no seu habitat territorial. Notem que o parêntese diz respeito ao conceito de elite, e não à tentativa de obstar o acesso do jogo a poucos abonados. Da primeira para a segunda década do século XX, o município não congregava um número respeitável de abonados que fossem considerados uma verdadeira elite, articulada e consciente de seus propósitos, aos moldes fluminenses. Na verdade, o cenário daquela sociedade registrava a presença de uma “elite agrária” e de co-irmãos urbanos, mantidos pelo comércio local, raiado pela excelente posição geográfica; nada que diferisse gritantemente de outras cidades interioranas.

Alinhavados estes apontamentos, percebe-se a razão de o futebol separatista não ter decolado. Aliado à rachadura da elite local, os excluídos, na qualidade de sujeitos históricos, possuíam desejos e vontades específicas. Não seria um discurso autoritário que repreenderia as suas mãos e olhares. Era por isso que, de quando em vez, se ouvia o descontentamento concernente ao caráter enxerido ou intrometido dos pobres, negros e demais marginalizados. Por não se contentarem ao

posto que lhes era ordenado, ditos “anormais” redefiniam os espaços sociais, por meio dos quais esculpavam práticas cotidianas que lhes favoreciam.

O futebol percorria o mesmo caminho. Mesmo anunciados os titulares das cadeiras cativas, lá iam os teimosos, metendo-se onde não eram chamados, nem convidados. Esta postura astuta e recalcitrante acelerava a transfiguração dos discursos. Já que não se podia frenar a inserção destas pessoas, modificavam-se as estratégias de dominação: chegava a hora do controle e da disciplina.

Impende constatar, antes disso, que o caráter multifário da elite campinense respingava na coesão que pretendia ofertar aos seus projetos de sociedade, razão pela qual é factível examinar estas tensões e desencontros sociais, sob o ângulo de quem observa o espectro da modernidade atravessar e tomar conta desta cidade. Com mesma ênfase, evidencia-se que o futebol, integrante deste ideal moderno, servia de comparsa na ordenação da sociedade local. Porém, fique bem nítido que a elite não franqueava a entrada do “outro” nas práticas esportivas; ao contrário, tinham que deglutir a indigesta penetração social aquilatada pelo jogo de bola.

1.6 FUTEBOL E CONTROLE: O DESAFIO DA DISCIPLINA ESPORTIVA

Destarte, o controle e a disciplina não atracavam, de uma hora para outra, na Serra da Borborema. Chegavam no município com a missão de usufruir e aproveitar a vulgarização do futebol, ao mesmo tempo em que estendia sua teia ideológica de dominação. Gradativamente, com o transcorrer dos anos, este esporte passava a integrar os quadros de um processo bem mais abrangente. Aflorava na cidade um movimento que projetava a racionalização da atmosfera urbana, com o intuito precípua de universalizar valores como cultura, civilização e progresso. Toda

sociedade que se prezasse deveria cultuar estes filhos da modernidade, através dos quais seriam erradicados costumes e hábitos atrasados e cambaleantes.

Desta forma, articulado a este projeto civilizatório, cujas premissas contemplavam a disciplina e o controle dos cidadãos, o futebol mudava de cara e admitia nos seus vestiários elementos populares. Exemplo didático desta nova conjectura, a fundação do Treze Futebol Clube colocava em pratos limpos o papel que conviria ao jogo de pelota.

Para melhor apresentar este deslocamento, é de bom alvitre resgatar o personagem inicial deste trabalho, o Sr. Antônio Bióca. Em 1925, na data em comemoração à independência nacional, reuniam-se em sua residência doze supostos *sportmen*, com o objetivo de revitalizar o palco esportivo campinense. Decididos a assentar uma nova estrutura gremista, conferiam-lhe o cognome de treze, por estarem presentes ao ato inaugural treze conselheiros fundadores. Parecia que Bióca, finalmente, acertava a mão, ao promover uma associação disposta a “ver o desenvolvimento physico da mocidade de sua terra (...), tornando Campina Grande mais tarde seu nome elevado lá fora”²⁰.

Em mais uma oportunidade, é possível absorver informações e particularidades através da nomeação que se dava às instituições desportivas. A capacidade de nomear e conferir sentido às pessoas e coisas sempre foi um pomo de discórdia entre os filósofos da linguagem. A partir do momento em que se nomeiam objetos, se lhes dá vida e conteúdo. Todavia, ao sintetizá-los em simples palavras, representa-se o que o nomeante julga patente e característico, acabando por restringir a essência das entidades nomeadas. Ademais, enquanto objeto destes discursos, a tendência nominativa observa o “outro”, mediante a equalização de

²⁰ “Ata da 1ª sessão da diretoria de 7 setembro de 1925”, Atas da Diretoria, Treze Futebol Clube.

pressupostos seus, atitude que redundava na representação daquilo que alguém pensa do outro, e não no que o outro é, ou pensa ser.

Elucubrações filosóficas a parte, vê-se que as agremiações deixavam de lado, à conta gotas, palavras inglesas e passavam a intitular-se por intermédio do vernáculo local. A substituição do “club” Campinense pelo “clube” do Treze não se deveu à estética das letras ou à pronúncia de fonemas. É, de fato, um sintoma evidente do sentido que o futebol começava a compartilhar. Alargadas as bilheteiras e oportunizada a presença de pessoas comuns, a perpetuação de signos circunscritos e elitistas perdia a razão de ser.

Os novos grêmios, na trilha oposta à do *High-Life*, emergiam com esfinges usuais, experimentadas por um número maior de pessoas, de modo a inserir-se no cenário esportivo ao alcance de muitos campinenses. Outras expressões inglesas que, por ora, significavam equipamentos do jogo, lances futebolísticos ou posicionamentos dos atletas ganhavam, inclusive, sua versão nacionalizada, não para excluir designações estrangeiras, pois denotavam cultura e conhecimento, mas para aproximar-se do grande contingente de praticantes.

Também se extrai, neste discurso, o desiderato de transformar a cidade serrana, atribuindo-lhe um status “elevado” e fino, para impressionar quem a via de fora. Este propósito condizia com a avidez de modernidade que certos munícipes incorporavam. Entretanto, alguns dados deste clube destoavam do que se podia encontrar nos grêmios da distinção.

Comemorando já três anos de existência, o clube passava a editar um periódico, destacando as suas portentosas jornadas. Este encarte ilustrava bem quais jogadores compunham o elenco trezeano. Mesclando praticantes da estirpe de Poty ou “O Iracema”, definido como “descendente heróico da raça potyguar”, com

José Casado, que, cumulando as funções de fundador e atleta, impunha-se “pela alta linhagem de pequeno conde”, e Alberto Santos,

não só o bom jogador na acepção mais larga do termo; não é só o combatente de mais efficientes serviços prestados á causa comum, por que luctam os do tetra-campeão da cidade (...), é também um dos mais distinguidos elementos do nosso quadro social,

os defensores alvinegros²¹ provinham de diferentes amálgamas sociais, o que, a princípio, significava o enfraquecimento do poder ostentado pelos *sportmen*. Retornando o campo de visão ao mencionado jornal, tem-se o que, de fato, ocorria no final da década de 1920. O suposto sucesso do clube era creditado ao “esforço e abnegação dos seus dirigentes”²², posto que conduziam o time à conquista do caneco municipal, em quatro ocasiões.

O Treze F.C., portanto, não se fazia de rogado ao permitir o acesso de jogadores, até então, excluídos dos quadros destacados de alguns clubes. Esta admissão, distante de representar a frouxidão das peias sociais, era arquitetada para conservar a força diretriz dos *sportmen*. Se os jogadores não eram um poço de garbosidade, seus dirigentes e diretores gremistas o eram. Não se podia lutar contra a disseminação do futebol nas cercanias populares e nos subúrbios campinenses, mas era viável alocá-las numa posição subalterna, alheia às decisões que definiam os rumos do esporte.

Outro aspecto salta aos olhos na descrição de Alberto Santos, o goleador galista²³ do tetra-campeonato. Dentre outros elogios feitos ao atleta, constavam os

²¹ São preto e branco as cores oficiais do Treze Futebol Clube.

²² Treze..., Campina Grande, Anno I, nº 2, 15 de novembro de 1928.

²³ A designação galista em relação ao Treze F.C deve-se ao seu mascote oficial, conhecido pelos seus torcedores como Galo de Campina ou da Borborema.

“serviços prestados á causa comum”²⁴. Indaga-se: seria esta causa comum o soerguimento da taça municipal naquele ano? Suspeita-se que não. Apesar da metamorfose pela qual passava o discurso esportivo, alguns apotegmas permaneciam em voga para os legítimos *players*. Estes seriam agentes da modernidade, no instante em que catalisavam padrões comportamentais disciplinados, caudatários do processo racionalizante vigente.

Desta forma, compartilhavam o mesmo sentimento, segundo o qual, estando todos na mesma embarcação, era sintomático veicular, unidos ao futebol, estratégias de dominação, mascaradas pelo controle técnico que, “naturalmente”, fazia parte do esporte. Desempenhavam, em suma, uma função social, qual seja, retirar do limbo retrocedente e viciado a população campinense, mediante o controle que o jogo, pelo qual se interessava, tinha a oferecer. Por esta razão, não havia, em tese, adversários, nem rivais a contender. Todos estavam nos campos respirando do mesmo ar e dividindo o mesmo espaço, só que uns para ensinar e educar os imaturos, e outros para aprender e venerar a cultura e nobreza dos jogadores de fino trato. Isto explica porque alguns *sportmen* também assumiam outros papéis no esporte, ora integrando a diretoria dos clubes, ora funcionando no trio de arbitragem; era o caso de Bióca, alçado a condição de *referee*, por conhecer e controlar a aplicação das regras e normas do *foot-ball*.

Este ambiente aparentemente fraterno impedia a glória de vencedores e o desânimo de derrotados. Ora, se todos contribuíam ao engrandecimento do esporte e à cultura do povo, não havia o que lamentar. Em seu lugar, enervando a retórica competitiva, todos estavam a ganhar e, por isso, endossavam uma causa comum. Esta perspectiva coadunada, sem diferenças, nem imprecisões, parecia não ter

²⁴ Idem.

prosperado no jogo de bola. Escoliar-se-á, no próximo capítulo, as animosidades e tensões que este projeto progressista angariava não só no cenário esportivo, mas, também, nos vários meandros desta contraditória urbe.

CAPÍTULO II

FUTEBOL E MODERNIZAÇÃO EM CAMPINA GRANDE

Núcleo de recepção e comercialização algodoeiro. Era esta a incumbência fulcral de Campina Grande no intróito da década de 1910. As singulares coordenadas geográficas favoreciam-lhe o entroncamento e a conexão das cidades sertanejas paraibanas, e de estados limítrofes, aos escoadouros portuários. Amontoando o “ouro branco” nas ruas e calçadas, o nome da cidade granjeava notoriedade nos escritórios comerciais. A profusão financeira abria as portas àqueles que, encantados com sua fama repentina, colimavam usufruir as potencialidades do algodão.

Perseguindo os rastros mercadológicos fincados por este produto, o município presenciava, entre os anos 20 e 40, uma escalada econômica sem precedentes. Degrau em degrau, tornava-se referência comercial no Norte do país, razão pela qual ampliava sua zona de influência a regiões afastadas e distantes, o que excitava a curiosidade de várias pessoas. Uma leva de forasteiros, ávidos pela riqueza prometida, desembarcava nesta parada, ocupando, desordenadamente, leitos precários e improvisados. De maneira desajustada e imediatista, a cidade recebia a chegada de hóspedes permanentes, episódio que acabava por modificar hábitos, idéias e ritmo sociais dos anfitriões.

Nesta época, tabelando com este frenesi pecuniário, outro processo complexo também estava em curso. Um surto modernizante, originário, sobretudo, de países europeus, assolara metrópoles brasileiras desde meados do século XIX, chegando com certo atraso em terras campinenses. Talvez, não fosse o *boom* algodoeiro, teria esta novidade demorado ainda mais a instalar-se, em virtude da convulsão no

cotidiano municipal que as idéias progressistas propiciavam. Antes até de reformas estruturais e/ou urbanas, a cidade vivenciava a conversão de valores e a (re)construção de sentidos. Provetos olhares e novas prioridades brotavam, em conformidade ao novo projeto de sociedade fomentado pelas elites dirigentes. Instava colocar a cidade e seus habitantes no eixo racionalizante pelo qual transitava outros centros civilizados. Este aburguesamento local planejava expropriar signos representativos de uma sociedade ultrapassada e estéril. Neste capítulo, serão delineados os contornos deste intento revitalizador, e como o futebol se comportava frente a este deslocamento.

É inegável o vertiginoso crescimento econômico apresentado por Campina Grande nas primeiras quatro décadas do século passado. As benesses materiais advindas deste processo não importavam, necessariamente, na mudança de mentalidade dos cidadãos. Isto é, mesmo com cifras pecuniárias galopantes, o comportamento e práticas dos seus residentes continuavam acorrentados a um cotidiano prosaico, próprio de lugarejos retrógrados e provincianos.

A afluência para os seus cômodos de pessoas de outras naturalidades, bem como a sua candidatura ao progresso, dava ensejo a um projeto de civilização, no sentido de extirpar do seu território hábitos e espaços que remetiam ao ambiente agrário e decrépito. Esta preocupação sucedia hereditariamente o anseio irruptivo provocado pela passagem da Monarquia para a República, ao findar o século XIX. Em que pese o continuísmo das entranhas político-sociais, tudo aquilo que sugeria o modelo antecedente era prontamente descartado pelos republicanos, consumistas do moderno e civilizado.

De compreender que, neste contexto, o futebol, transpostas as barreiras esportivas, se adequava ao paradigma político hegemônico, espelhando uma

sociedade pujante culturalmente. Convinha-lhe comandar uma ruptura nas relações sociais cotidianas, na esperança de que ícones arcaicos fossem abandonados, tendo em vista, porém, a preservação dos fatores reais de poder que locomoviam a cidade.

Logo, de um jogo aparentemente implantado na cidade para ocupar o período de férias escolares, gozadas por estudantes campinenses destinatários da Capital, o futebol passava a compor um movimento maior, que colimava instituir nestas paragens o germe civilizatório. Neste momento, futebol e cidade fundiam-se, na tentativa de reafirmar e consolidar o discurso de que Campina Grande era símbolo vivo de progresso. Se gestadas metáforas e assertivas propalando a mania de grandeza da cidade, este arroubo discursivo também se estendia ao cenário esportivo, contribuindo para colocá-la na posição de destaque que ocupava ou almejava ocupar.

Para tanto, os gestores deste processo lançavam mão de uma estratégia política bastante peculiar. A melhor maneira persuasiva de sufragar uma idéia, pensavam, era qualificá-la e associá-la a outros pensamentos que insinuavam a grandeza de seus postulados. Isto é, nada mais útil e ousado do que aferir o desenvolvimento do futebol local, sopesando-o à prática deste esporte nas vizinhanças. Nunca é demais lembrar que a evolução do jogo implicava o progresso campinense, lutando que estava para escapar da escuridão intelectual.

2.1 DANDO NOME E VISIBILIDADE AOS TIMES: INFLUÊNCIAS LOCAIS E ESTRANGEIRAS

A invasão populacional a que era objeto Campina Grande viabilizava a composição de dois times, Pernambuco e Paraíba, escalados por jogadores residentes no município, numa partida amistosa realizada em 22 de junho de 1919. Notem que, nesta oportunidade, ainda vigia, malgrado nem sempre atendida, a restrição social imposta ao futebol. Este era o primeiro passo dado à organização de encontros esportivos, nos quais Estados disputavam os louros da vitória. A proliferação de instituições desportivas²⁵ ajudava a alterar sensivelmente este quadro. Desta feita, contendendo contra grêmios de outros centros e Estados, as equipes locais defendiam o nome, as cores, a honra e a civilidade da cidade, construindo discretamente uma rede de ligações que pincelava um simulacro identitário.

Os embates interestaduais eram escolhidos, portanto, para simbolizar o desenvolvimento do esporte local, na medida em que colocavam, no mesmo patamar, clubes serranos e grêmios desportivos de outros centros. *A priori*, engendrava-se a idéia de que, precipuamente, as agremiações estavam a defender a tradição e as cores do município, uma vez nascida ao estrelato. Isto explica porque, no início, os confrontos pebolísticos locais não atraíam, nem despertavam o entusiasmo esperado da audiência. Estes jogos seriam preparativos para as grandes jornadas regionais. Não era de se estranhar, destarte, os encontros cada vez mais freqüentes entre desportistas locais e campeões cearenses, pernambucanos e, até, fluminenses.

Alguns dados dão o que falar. Tome-se o Treze Futebol Clube como referência. De 1925, ano de sua fundação, a 1958, quando inaugurava os refletores

²⁵ No final da década de 20, organizavam-se em Campina Grande o Palmeira (depois chamado de Ypiranga Esporte Clube), América Sport Club, Treze Futebol Clube, Humaitá Sport Clube, Palmeiras Sport Club, União Football Club, Paulistano Futebol Clube, Comércio Sport Club e Palestra Itália. O Centro Atlético Campinense, outro grêmio esportivo, era fundado em 1932.

do seu estádio²⁶ Presidente Getúlio Vargas, visitavam Campina Grande para desafiá-lo clubes de todos os rincões brasileiros. As equipes sediadas no Rio de Janeiro, afamadas pela importância que o jogo ali alcançava, preferiam às demais. Dá-se mão à palmatória: agremiações pernambucanas também eram presenças recorrentes nas canchas locais. Seja jogando contra o Fluminense ou o América carioca, seja enfrentando o Santa Cruz ou o Sport do Recife, batiam-se, sucessivamente, os recordes de público e renda nestes amistosos. Inclusive, em 1951, o clube alvinegro local testava outra aposta “comercial”, ao organizar o seu primeiro prêmio internacional contra a equipe argentina do Vélez Sarsfield²⁷.

Vislumbrando este cenário a partir de uma perspectiva escalonada, da mesma forma que grêmios ilustres vinham para a cidade demonstrar o grau de desenvolvimento do seu futebol, esquadras locais também excursionavam Brasil afora, decantando os benefícios sociais que o esporte oferecia. Por esta razão, a equipe trezeana, já em 1927, visitava a cidade de Moreno, Paraíba, para confrontar-se com o Villa Branca Sport Club. No ano seguinte, desta vez o Sport Club Yolanda era quem peregrinava pelo cariri paraibano para encarar o Guarany Foot-ball Club de Soledade. Estas viagens repetiam-se seguidamente, denotando que não eram exclusividades de um grêmio, muito menos uma aventura descabida.

Antes, todavia, de perscrutar a razão destas excursões, é frutífero aviar uma nota explicativa. Poderia o leitor questionar a nomenclatura de alguns clubes, grafada com palavras inglesas, mesmo após a popularização do esporte. Dois argumentos, a princípio, parecem ser mais consistentes e elucidativos. É cediço que a maioria destes sodalícios possuía raízes cravadas em solos populares. Desta

²⁶ Partida festiva realizada em 9 de julho de 1958, na qual Treze F.C. e Sport Club do Recife empataram em 3x3, tendo as bilheterias do estádio registrado renda recorde no importe de Cr\$ 166.645,00.

²⁷ Nesta partida, realizada na Capital do Estado, o Treze foi derrotado pelo placar de 3x2. **TREZE F. C. Cinquenta anos de Futebol (1925-1975)**. Recife: Recife Gráfica e Editora, 1975.

forma, poderiam assumir esta postura ou em face do apoio político da elite dirigente, porventura gozado, ou assim o faziam, pois recepcionavam com sagacidade, perspicácia e ironia a restrição que lhes afligira, municinando seus clubes com palavras e significações que não compunham seu vocabulário. Na verdade, uma explicação não obstava a aceitação da outra; eram dois lados de uma mesma moeda, cunhada para desvencilhar-se da autoridade discursiva a que estavam submetidos.

Dito isso, retoma-se a essência dos passeios amistosos. Pactuando da elevação espiritual que o futebol propugnava, almejava-se estreitar os laços de amizade existentes entre os clubes e seus respectivos Estados. A educação social, a postura disciplinada, a afeição festiva e a socialização fraterna estavam em jogo nestas congratulações recíprocas e coletivas. A já citada viagem do Treze F.C. à cidade de Moreno pode ilustrar a força política do futebol, a conformação destes espaços de sociabilidade, bem como, dentre outros aspectos, a composição deste movimento racionalizante.

Devido ao fato de sediar-se no perímetro campinense, já recebia o clube alvinegro uma atenção redobrada, na medida em que se arvorava mandatário da suposta civilidade do município. Estava ali, nos idos de 1927, para instruir os praticantes locais na arte e técnica do esporte bretão. Coincidência ou não, o Cel. Leôncio Costa era, concomitantemente, homenageado da festa, porquanto completara bodas de pratas, organizador da partida, dirigente político do Correio de Moreno, periódico local e, especialmente, diretor de honra do Treze F.C., junto com o Cel. Ernani Lauritzen, Cel. Arnaldo Maranhão, Dr. Severino Cruz, Dr. Vicente Forache, Cel. José Pessoa, entre outros.

Pelo visto, o principal anfitrião da festa aproveitava esta oportunidade para reafirmar seu poder político, valendo-se do futebol e do discurso progressista subjacente. Para recepcionar o esquadrão visitante, “senhoras de nossa melhor sociedade” (morenense) ciceroneava os atletas na solenidade inaugural do Grêmio Morenense. Na partida principal, vencida pelos visitantes por 6x0, mais de duas mil pessoas acotovelavam-se ao redor do campo, onde as “torcedoras delirantemente acompanhavam as oscilações da pelota que era ‘shoutada’ com admirável destresa”

28

Na festa promovida pelo coronel, após a movimentação do jogo, o púlpito parecia um lugar convidativo. Repleto de formalidades, o evento assistia aos discursos de várias personalidades destacadas, sobre os quais é imperioso tecer comentários. Neste ambiente de cordialidade, não podia faltar o encômio ou louvor à saúde física, porque “não pode haver espírito esclarecido em corpo débil e doente”²⁹.

O Dr. Braz Baracuhy destacava-se na exposição oral não só pela firmeza e contundência das palavras, mas, sobretudo, pela amplitude do seu discurso. Encontrando no futebol o vetor que refazia o caráter do Brasil, defendia que

... dos clubs mais opulentos das grandes cidades (...) aos mais humildes que por si se vêem nos logradouros abandonados, entre alguns rapazelho maltrapios (...) esse jogo de foot-ball, estes desportos que dão saúde e força, insinuam a disciplina e a ordem que fazem a cooperação e a solidariedade³⁰.

Já se percebia, portanto, que o jogo não se enclausurava nos campos elitistas, mas fulminava também aqueles que padeciam de aporte material. Por atingir, justamente, vários lances da pirâmide social, o futebol cimentava a

²⁸ Correio de Moreno. Moreno, Anno I, Num. 31, 11 de dezembro de 1927.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

construção do sentimento nacional. “De cidade em cidade, levamos de vencida a Europa que, mais uma vez, se curvou diante do Brasil na phase pittoresca de nosso nacionalismo”³¹. Os jogadores ganhavam a feição de heróis, porque salvaguardavam a pátria, ao passo em que enobreciam o nome do país.

O caráter diplomático era mais uma das propriedades que o esporte conseguia desenvolver. Diplomacia que não se referia tão-somente às relações brasileiras d'além-mar, mas também circunscrevia contatos sociais na esfera doméstica. Nas palavras do palestrante, esta confraternização “é sempre uma oportunidade para a aproximação de nossas cidades, de nossos concidadãos”. Cambiando experiências entre cidades, o esporte, como dito em linhas atrás, vangloriava-se por consagrar a virtuosidade de todos os praticantes, sem atribuir a pecha da derrota para ninguém. Era o que deixava escapar o Sr. Baracuhy, para quem não havia “vencidos, nem vencedores, porque só uma victoria devemos querer: - a victoria do espírito, a victoria de uma amizade perenne, fraternal e amiga”³². Este era mais um dos reflexos que boa parcela dos *sportmen* gostaria de passar ao futebol. Não é preciso ser muito cético para desconfiar da troca de gentilezas que se transformava o jogo. Mais adiante, esposar-se-á a dubiedade deste discurso.

Por enquanto, não se pode olvidar que, nos embates e nas excursões interestaduais, havia sempre a expectativa de um grande público e de uma arrecadação gorda. Quanto à assistência, é emblemático que os campeonatos estaduais não desentorpeciam a contento o público local. Esta tendência na platéia fazia com que alguns clubes campinenses deixassem de participar destes certames, na medida em que exigiam, principalmente, altos custos operacionais. Era

³¹ Idem.

³² Idem.

justamente esta omissão que motivava apelos jornalísticos velados, em favor da participação dos grêmios locais nestes torneios, porquanto, a partir da Taça Brasil, só os campeões estaduais usufruíam o direito de disputá-la. Era a oportunidade de rivalizar e medir forças, corriqueiramente, com os maiores *teams* nacionais e de conferir aos desportistas campinenses “uma razão mais forte e mais prática para torcer durante as partidas de futebol – torcer por Campina Grande aspirando a posição de representante do futebol de todo o Estado”³³. Visto isto, tornava-se cognoscível o espírito de compartilhamento municipal que o jornal, sob o epíteto de Campinense, pretendia inculcar nos leitores.

2.2 PROFISSIONALIZAÇÃO

No tocante à renda dos amistosos regionais, tem-se algo a dizer. Este cabedal financeiro, aos trancos e barrancos, sustentava os clubes locais, posto que, da década de 40 em diante, perpassavam uma sinuosa fase de profissionalização dos plantéis. O amadorismo cedera espaço à disfarçada contratação de jogadores, num movimento apelidado de profissionalismo marrom. Os jogadores sentiam-se atraídos pelas alternativas sociais que se lhes abriam. Encobertos por oportunidades de emprego ilusivas, os dirigentes, envergando o suporte político e financeiro das agremiações, açambarcavam atletas para seus quadros e, em troca, negociavam valores pecuniários. De fato, estes profissionais recebiam a verba salarial pelos serviços prestados nos gramados, e não pelo labor empregado nas firmas comerciais.

³³ O Campinense. Campina Grande, Ano I, nº 1, 31 agosto de 1959.

Havia, assim, uma clarividente distorção no discurso vigilante. Se, com uma mão, instituía a disciplina e o controle no futebol, apto a regenerar a essência humana, com a outra, entregava o “contracheque” dos jogadores, numa demonstração irretorquível e incontestada de que o cunho civilizatório não bastava ao jogo. Vencer, na verdade, importava, e as pessoas que dominavam os segredos da pelota tinham ciência disso. Desse modo, aproveitando as brechas e falhas nas estratégias discursivas legitimadas, faziam valer as habilidades futebolísticas que possuíam, as quais passavam a ter um preço, a ser custeado a quem deles desejaria dispor. É visível a redefinição das posições sociais. Parte da elite via no futebol um mecanismo de subordinação aos seus projetos sociais, enquanto o contingente de praticantes o concebia de inúmeras formas, inclusive como válvula à ascensão social.

2.3 CULTO AO CORPO

Todavia, para adequar-se ao projeto de civilização ainda em andamento, o futebol, ou melhor, seus mentores tinham de condensar diferentes propósitos discursivos, dentre os quais o de culto ao corpo. Não é demais lembrar que o exercício físico era visto com desconfiança por alguns segmentos sociais. Ainda lutava contra o sepultamento a ideologia, consoante a qual, aos homens, bastava a atividade intelectual. A razão controlava os instintos e iluminava àqueles de boa conduta. Esta idéia era aos poucos pulverizada, por meio de campanhas que encampavam os valores da atividade física, sobretudo do futebol.

O discurso político oficial previa que o esporte bretão era capaz de, remodelando o corpo, cultivar a solidariedade, cavalheirismo e inteligência. Por outro

lado, alicerçado o pedestal da disciplina, controlava-se o ócio dos operários e trabalhadores menos abonados, de modo a espriar a vigilância que escapava às fábricas. As propriedades benfazejas do esporte achavam nas instituições educacionais e militares um eficiente porto seguro. Seja promovendo jornadas desportistas, seja estatuinto o bem que o corpo tanto carecia, tracejavam o caminho imprescindível ao progresso de uma sociedade, comprometida que estava com o ordenamento social. Um estudante jovem e disciplinado, detentor dos valores da mais nobre estirpe, era o arquétipo que todos os *sportmen* gostariam de construir para o jogo de bola, tendo em mira que, gradativamente, seria espelhado e imitado na gestação de uma sociedade moderna, ordenada e progressista. A semente civilizatória estava lançada no terreno juvenil.

Para tanto, o discurso de superioridade apropriado, a partir do qual se estava a ajudar os semelhantes incultos a sair e abandonar as trevas do retrocesso e da ignorância, e ingressar na resplandecência e na luz da civilização, servia não só ao futebol.

Educar as massas populares, mediante a constatação de que “é melhor, muito melhor ter boa conducta do que ter talento”³⁴, era uma das aspirações do discurso perpetrado pelos “letrados”, na época em que o entorno da cidade era acometido de palpáveis modificações estruturais. Para a urbe, convergiam pessoas de diferentes “origens sociais”; esta aglomeração súbita mudava o ritmo urbano, simulando um modesto e caótico turbilhão humano, fato que atingia e aguçava a preocupação de frações da elite ilustrada. Com efeito, as reformas urbanísticas vinham a reboque, assim como a necessidade de domesticar as massas, deste anseio de modernidade, a fim de tornar a Rainha da Borborema o palanque da

³⁴ Léo-Cádio. Arte de ser feliz. O Século. Campina Grande. Anno I, Num. 6, 25 agosto de 1928.

civilidade. Daí surgir, fitando a repaginação física e com a chancela de vozes tecnicamente autorizadas, o desmoronamento de alguns valores para dar lugar a outros, concepção esta que conferia vestes autoritárias à intervenção no espaço urbano³⁵.

Este progresso sociocultural só seria alcançado a partir da disciplina, obediência e assunção do decoro público. Progresso e Ordem compunham um binômio metódico que, insatisfeito com o lema talhado na flâmula nacional, proliferava nos discursos estruturantes.

O saneamento da cidade e a ingerência das autoridades higienistas abraçavam este paradigma civilizatório, na tentativa de remediar os surtos epidemiológicos que grassavam nos arredores serranos. Desodorizando os logradouros públicos, higienizando a alcova doméstica e revigorando o físico dos cidadãos, estar-se-ia a salvo das patologias orgânicas e sociais que maculavam o garboso ar campinense.

Atinentes às necessidades emergenciais da cidade, um grupo de cristãos campinenses idealizava, periodicamente, campanhas beneficentes, visando minimizar as deficiências municipais com a contribuição e o auxílio da sociedade local. Estes gestos de desprendimento devem ser vistos com cautela, porque, além de representar a diligência de algumas pessoas, simbolizava empatia, benevolência e respeito entre seus pares. Ajudava-se, assim, não só pelo ato humanitário em si, mas pelo poder e afeição social que poderia resultar ao seu autor. Corolário deste entendimento, era comum, nos jornais de antanho, discriminar o autor e os valores dos donativos em campanhas de similar natureza.

³⁵ Sobre o autoritarismo que pautou a concepção do projeto civilizador posto em prática na Campina Grande, entre os anos 1920-1945, ver SOUSA, Fábio. G. R. B. de. **Cartografias e Imagens da cidade: Campina Grande – 1920-1945**. Doutorado em História. Campinas: Unicamp, 2001.

Em 1937, o problema infeccioso era de tal alarde que a campanha de solidariedade local dedicava uma festa desportiva, patrocinada pela Associação Desportiva Campinense, em prol dos portadores do Mal de Hansen. Os aparatos sanitaristas e esportistas entrelaçavam-se em mais uma oportunidade, combinação que fascinava o Poder Público, de forma que o prefeito e patrono do episódio esportivo, Sr. Wergniaud Vanderley, premiava os atletas engajados com uma “rica taça”. O futebol inseria-se na preocupação pelo corpo sadio e pela prevenção de enfermidades, matriz que, em 24 de outubro daquele ano, envidava o Prof. Arthur Rabello, “intelectual e poeta de renome”, nas cercanias do Campinense Club, a ministrar a conferência intitulada “Como Reconquistar a Saúde, a Força e a Beleza”³⁶. De qualquer forma, esta palestra traz a lúmen os assuntos que, naquela data, estavam na ordem do dia.

2.4 TRABALHO FABRIL E ESPORTE: LIGAÇÕES AMISTOSAS

O projeto civilizador em comento contemplava também a massa de trabalhadores, reservando-lhe um local passivo e inerte, de sorte que o poder exercido pelo jogo de pelota na atmosfera fabril dava amostras de todo o esquema discursivo que o envolvia. Significativas eram a instalação e a organização da Fábrica de Tecidos de Bodocongó. Este empreendimento industrial construía uma “vila com todo conforto para os seus operários”, em virtude da qual enveredava na vida privada obreira, de modo a redesenhar o espaço físico disponível e os seus afazeres diuturnos. Esbanjando caridade e solicitude, a empresa redefinía e desintoxicava os espaços em que seus funcionários viviam. Reporte-se aos anos 30

³⁶ Voz da Borborema. Campina Grande. Anno I, Num. 29, 23 outubro de 1937. p. 6.

para entender os propósitos imperantes. Moléstias infecto-contagiosas assolam os cidadãos. O saber sanitaria pugnava por uma assepsia do corpo e do ambiente doméstico (a sarjação de Campina Grande já deambula a passos largos), uma vez que a Teoria dos Miasmas chegara ao ambiente fabril, assinalando a necessidade de manter os compartimentos limpos e arejados; este era, em linhas gerais, o segredo do êxito produtivo. Cômico deste norte, em resposta aos postulados planejados para sobredito contexto, a fábrica promovia a construção desta vila proletária, primando pela higienização dos espaços.

Ademais, o lazer não podia ser empregado em atividades daninhas, pois prejudicava a correição pública e o perfil corporal dos trabalhadores. Por isso, esta tecelagem erguia, nesta época e com esta intenção, um “*stadium* para desportos”. A disciplina cronometrada do labor era transferida para o campo de futebol, no instante em que o operariado praticava um esporte que desenvolvia o escopo físico e pregava valores harmônicos e fraternos. Desta forma, o ócio ficava reservado à atividade que estimulava a coesão social e, de quebra, desenvolvendo o perfil atlético, dava o suporte orgânico necessário às atribuições no posto de trabalho.

Ultimando os discursos ali incidentes, restava o arrimo transcendental a consolidar e legitimar a moral na vida dos operários. Prescreviam-lhes uma vida ordeira e regrada, na qual cabia às entidades religiosas depositar sua carcaça ideológica rígida e intransigente. Para tanto, no bairro recém criado, “iniciará em breve, a construção de uma Igreja, que será o marco miliario da fé christã da população daquele populoso recanto da cidade”³⁷. Portanto, nestes enfeixes de forças institucionais, o futebol dava também os seus palpites.

³⁷ Voz da Borborema. Campina Grande. Anno I, Num. 20, 22 setembro de 1937.

2.5 FUTEBOL E POLÍTICA: LIGAÇÕES PERIGOSAS

Um sentimento refratário tomava conta dos campinenses nos idos de 1937. Na véspera do “golpe militar” de Getúlio Vargas, sem sombra de dúvida, era o comunismo o inimigo incômodo da pátria. “Todos” uniam-se num único propósito, qual seja, “que o sentimento de brasilidade aprofunde suas raízes no coração da mocidade e seja, sempre, uma barreira às tentativas ousadas e vilenpendiosas dos inimigos da nossa Pátria”³⁸. Este tortuoso processo de construção da identidade nacional refletia no mundo desportivo, sobejamente no futebol. Quem entabulava o jogo de bola, convicto dos valores por ele perpetuados, estava à disposição da pátria, pelo que contribuía para o progresso físico e intelectual do seu povo. Por seu turno, realizava um desserviço aquele que, renunciado às tão decantadas benfeitorias, se entregava à indisciplina e à violação das normas que regiam os esportes. Este encadeamento lógico não trilhava um percurso a salvo de solavancos e tensões. A própria gênese de identidades locais (campinense) e bairristas (Bodocongó, Catolé – bairro operário) contribuía para entrincheirar discursos e projetos identitários. A famigerada cidade cosmopolita também abarcava, no seu pálido, um ciclone de sentimentos que punha em cheque a identificação de classes profissionais (operários, comerciários, bancários), de elementos sociais, de localidades geográficas e, apesar destas diferenças, de um protótipo nacional.

As festividades oficiais que marcavam a comemoração da independência do Brasil, naquele ano, também eram compostas de espetáculos pebolísticos, o que denotava o seu grau de comprometimento com a ideologia política, motivo pelo qual o futebol, enquanto enraizado no cotidiano das pessoas, acostumadas a presenciar

³⁸ Voz da Borborema. Campina Grande. Ano I, Num. 32, 3 novembro de 1937.

partidas esportivas em situações paradigmáticas, conagraçava o patriotismo e a emergência de um símbolo nacional³⁹. Valioso é perceber que a partilha de identificações por feitos particularizados não se contrapunha ou negava o sentimento nacional, que não deixava esquecer-se no panorama esportivo. Eram movimentos que caminhavam lado a lado, um sem inviabilizar o outro, o que não representava, para os sujeitos envolvidos, contra-senso ou disparate algum.

Portanto, acoplada ao movimento de homogenia nacional, exurgiam sentimentos especializados, por meio dos quais bairros hipotecavam seus nomes aos clubes, disseminando rivalidades locais, e classes profissionais se organizavam em torno de grêmios esportivos, muito em razão da penetração do futebol em vários amálgamas sociais. A organização de grêmios nos arrabaldes trazia à tona, também, um redimensionamento nos hábitos e práticas dos munícipes. O inchaço da cidade, de 1940 em diante, expandia e diferenciava as sociabilidades inseridas em bairros afastados do centro. A fixação de moradores em zonas distantes tinha o condão de aproximá-los, sob a égide de códigos comportamentais compartilhados. Como se condôminos fossem, com ônus, regras e vantagens próprios, estes habitantes criavam entretenimento e eventos sociais distintos daqueles experienciados por residentes do centro ou mesmo de outros locais⁴⁰.

O futebol não fugia a esta lógica: o esporte praticado nestas instâncias produzia tenazes laços de amizade, bem como ensejava o estranhamento e esquivaça a respeito de elementos desconhecidos e ignorados. Por estar plantado em terreno alheio ou distante das autoridades, o jogo bretão ali praticado, na esteira de outras distrações bairristas, era havido por perigoso, o que demandava a

³⁹ Idem. No “dia da pátria”, dentre as solenidades orquestradas, estavam “animadas partidas desportivas de *foot-ball* verificadas entre os quadros do ‘13 F.C’ e Ypiranga’.”

⁴⁰ Para saber mais sobre as sociabilidades nos bairros campinenses, sobretudo a partir dos anos 40, ver SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1961)**. Doutorado em História. Recife: UFPE, 2002.

imposição de um controle ainda mais eficiente. Os litígios gerados pelo esporte, que não eram privilégios dos subúrbios, coadunados à repressão autoritária e violenta da polícia, rendiam dois fenômenos primordiais: a reafirmação do risco que rondava a periferia e o estabelecimento de ações auto-protetoras contra o arbítrio das autoridades.

2.6 O AUMENTO DAS DIFERENÇAS SOCIAIS ENTRE OS BAIRROS

Todavia, esta intersecção fraterna nos arrabaldes era levada ao confronto, quando disputavam nos campos de jogo equipes de bairros distintos. Os ânimos afloravam-se porque, antes de tudo, estava em jogo a vitória não só dos atletas, mas da honra familiar que animava os bairros. O destempero endereçado ao colega de agremiação significava uma ofensa a um irmão, companheiro de luta cotidiana. Por isso, a cada novo jogo, a cada nova partida, as rivalidades germinavam no espaço tenso e conflituoso, cujas normas jurídicas instituídas não conseguiam dar-lhe conta.

Com o aparecimento de quadros setoriais, aclimatando sociabilidades em pontos da cidade, nasciam, como dito, animosidades entre os bairros campinenses. Neste particular, o poder público, sempre atento às necessidades e às demandas do povo, percebia o potencial político que o futebol tinha a oferecer. Não demoraria muito para que autoridades e órgãos públicos passassem a subsidiar pleitos de algumas associações.

A guarida de um time podia significar ao político o apoio massivo daquela localidade. Ao passo em que não se cingiam aos esportes, estas agremiações criavam sua particular rede de entretenimento, com vida social. Era com esta intenção que o acadêmico Fernando Arruda, candidato a deputado estadual pelo

Partido Social Progressista, em 1954, invadia a arena esportiva, a fim de hasteiar, como bandeira de campanha, as carências das pequenas agremiações. O próprio mártir Félix Araújo, edil campinense assassinado em 27 de julho de em 1953, fora o primeiro a doar camisas padronizadas ao Vila Nova Futebol Clube⁴¹. Os grêmios, por outro lado, penduravam-se nestas estacas políticas, maquiando uma teia social de subsistência recíproca.

À guisa de exemplo, em 1937, o estádio Presidente Getúlio Vargas, domínio trezeano, era erigido em terreno doado pelo então governador do Estado, Sr. Argemiro de Figueiredo. Anos mais tarde, precisamente em 11 de setembro de 1950, a Casa Legislativa Municipal aprovava projeto de lei que auxiliava o Treze Futebol Clube na iluminação de sua praça de desportos. O Aliança Clube 31, por seu turno, era declarado, por este mesmo ente legiferante, de utilidade pública, em 19 de novembro de 1952, através da Lei nº 319. Atendendo, com efeito, a um antigo sonho dos desportistas, o prefeito Plínio Lemos não ficava para trás e inaugurava, na década de 50, o Estádio Municipal, que seria, de agora em diante, o palco dos principais jogos que a cidade receberia.

2.7 FUTEBOL E CARNAVAL: LIGAÇÕES ESTIMULANTES

O canal político compreendia a colcha de retalhos ideológica que esquentava o jogo bretão. O tripé esporte, festa e patriotismo tinha infindáveis composições e arranjos. Intrigante aspecto, a que não deve furtar-se a análise, diz respeito à simbiose, no mesmo palco, de enleio recreativo e desportivo. Não era novidade que a grande maioria das associações futebolísticas vinha à vida, atreladas,

⁴¹ Jornal de Campina. Campina Grande. Ano II, Num. 110, 16 maio de 1954.

umbilicalmente, aos blocos diversionais e carnavalescos. Cientes do arcabouço social já definido, o futebol constituía mais um tentáculo ou ramificação destas entidades. Reforçava-se no esporte a intimidade e o compadrio já firmado em outros carnavais. Neste sentido, reuniam-se em fevereiro de 1924, sob o mesmo estandarte festivo, para saudar o Rei Momo e abocanhar o prêmio, oferecido pelo Jornal Gazeta do Sertão, à melhor parada carnavalesca, “o Bloco Independente, Palmeira e Sport Club – três pessoas distintas e um só pensamento verdadeiro”⁴².

Apropriando-se do lazer regozijado nas imediações dos clubes, escolhia-se a comunhão nacional para tematizar o triângulo amoroso. Neste diapasão, no dia 8 de maio de 1945, a diretoria do Paulistano Esporte Clube promovia, em sua sede social, um noticiado baile, anunciando como pretexto ou pano de fundo a genuína “demonstração de fé patriótica”, em consonância à “vitória das nações unidas sobre as hostes hitleristas”⁴³. Ora, nada melhor do que uma festa no sodalício desportivo para comemorar as conquistas brasileiras no dramático enfrentamento bélico da 2ª Guerra Mundial.

Vislumbra-se, com isso, a relevância social do esporte, posto que hábil a imbricar sensibilidades de pessoas afeitas ao lazer em público. Ademais, Campina Grande, nas décadas de 30 e 40, não dispunha de um rico cardápio de diversões que destronasse o monopólio ostentado pelo futebol. O cinema era o único divertimento que se destacava como escape público à sociedade campinense, à procura de entretenimento “sadio e elevado”. Era justamente por este motivo que o esporte-rei canalizava os discursos que se propunham a “domar” os munícipes.

De igual modo, como signatário do movimento em busca da excelência cultural campinense, a instituição maçônica desempenhava relevante papel.

⁴² Gazeta do Sertão. Campina Grande. Anno XXXV. Nº. 11, segunda phase, 16 fevereiro de 1924.

⁴³ Voz do Dia. 8 de maio de 1945. Ano I. Num. 6. Campina Grande – Paraíba.

Capitaneando projetos educacionais, como o Grupo Escolar Antonio Vicente, e médicos, tendo em vista o nosocômio Pedro I, ambos de caráter beneficente, aliados à titularidade de um veículo comunicativo, o periódico “A Ordem”, os maçons também estavam infiltrados em vários outros círculos sociais. Não é mero acaso, isto posto, que tenham diluído seus rabiscos doutrinários na órbita futebolística.

O jornal em questão elencava, mês a mês, o aniversário natalício dos seus ilustres companheiros de irmandade secreta. Por ironia do destino, a edição referente ao mês de maio de 1953 registrava as felicitações ao personagem preambular deste trabalho monográfico, o Sr. Antônio Fernandes Bióca. Este acerto de dados serve para desmistificar a idéia de que o futebol, relegado pela elite ilustrada, era um espaço reservado a ociosos e vadios.

Numa crônica colecionada ainda neste jornal⁴⁴, engendrava seu autor, Sr. Al Neto, uma apologia à personalidade e, em seguida, à individualidade da espécie humana. Despojado destes traços característicos, fadado estava o povo à mediocridade. Este seria o pecado cometido pelas doutrinas esquerdistas, qual seja, “destruir o indivíduo (...), reduzir a humanidade à condição de rebanho vacuno”. Era por condenar práticas copiadas que o indigitado cronista rejeitava a possibilidade de plagiar o comportamento de outras pessoas. “O fato de que um astro de cinema fume cachimbo, ou de que um jogador de futebol use gravatas pintadas a mão, não quer dizer que tu deves fumar cachimbo ou usar gravatas pintadas a mão”. Não poderia ter sido outra a referência utilizada para realçar valores individuais e introspectivos. Sopesando na mesma balança o *player* e o ator afamado de películas cinematográficas, vê-se o nível de aproximação, admiração e assédio com o qual a população enxergava os atletas da bola. Não é preciso lembrar que os sujeitos da

⁴⁴ A Ordem. Campina Grande. Ano III, Número 11, segunda Fase, 19 outubro de 1953. p. 5.

sétima arte ditam moda e impõem estilos de vida. Podados os exageros normais em desígnios equipolentes, e congruente ao diminuto leque de recreios legitimados, não havia outro objeto de consumo a ser leiloado no panorama social campinense. Desta forma, os jogadores viravam referências, as quais a população almejava espelhar.

2.8 FUTEBOL E CAPITAL

Cai a lanço notar que os mais variados elementos sociais não praticavam o esporte em completa obediência à disciplina e ao controle, esculpidos nos discursos letrados. Absorviam e encaravam o jogo de modo peculiar, encontrando alguns, no futebol, uma maneira específica de ascender socialmente. Esta alternativa só se fazia viável por intermédio de um paulatino processo de profissionalização dos quadros clubistas. Contratar pessoas de bom domínio sob o balão de couro, com o único propósito de representar uma associação esportiva, soava estridente aos ouvidos dos pioneiros *sportmen*. Isto porque a vitória não era o fito primordial a ser perseguido nas pelejas pebolísticas, mas, sim, o conagraçamento oriundo da reciprocidade entre sentimentos elevados. Nesta ótica, chegava-se ao ponto de conceber uma nova figura no ramo esportivo para desviar o foco da derrota, qual seja, a noção de vitória e placar moral. Ora, qual seria o intento daqueles que negociavam atletas, senão o reforço de seu estandarte na disputa pelo êxito nos gramados? É perceptível, portanto, que este discurso requintado caía por terra quando jogadores de traquejos futebolísticos se dispunham a contender pela contraprestação pecuniária, porventura auferida.

O mesmo devaneio entusiástico cometido pelo colunista, em linhas atrás, ao equivaler personagens díspares (ator e jogador), estar-se-á incorrendo, caso se

sustente a acumulação de fortuna, através do futebol, na primeira metade do séc. XX. Todavia, também incursionará em descalabro quem se furta a perceber que, para muitos, oprimidos pela desgastante vida laboral, uma avença com um clube local, aliada às boas atuações, podia representar uma vitrine para pavilhões esportivos de outros centros, de quando em vez presentes em território serrano.

Alvo de um destes flertes, era o centro médio galista Arrupiado desejado tanto pelo Ceará Sporting Club, assim como pelo Santa Cruz da capital Maurícia, agremiação que, em 1950, oferecia “15 mil cruzeiros pelo passe” do jogador, recebendo, em resposta, a recusa da diretoria alvinegra⁴⁵. Embora não fosse hábil a afortunar um atleta, o futebol campinense era, no mínimo, uma eficiente prateleira comercial, uma vez que abria um canal de comunicação com outros núcleos esportivos; de maneira que é possível pensar na burla da lógica que debilitava a voz dos jogadores. Estes não eram, via de regra, só vítimas das teias discursivas, pois sabiam manejá-las, argutamente, ao seu próprio alvedrio.

Em razão do descompasso entre discurso e prática cotidiana, o profissionalismo nascia e frutificava disfarçado no elenco das agremiações. Profícua a experiência do Esporte Clube Tabajara, natural de Boa Vista, e fundado em 1937⁴⁶. O seu presidente, Sr. Inácio Damião, detinha também o título aquisitivo do Hotel Central daquela aldeota. Dentre inúmeras investidas aos jogadores campinenses para naquele clube atuar, convidava Nêgo Chico a, além de tomar assento no time, trabalhar na sua hospedaria. Resta nítida a tentativa de, acobertada por um emprego “faz de conta”, cooptar jogadores, mediante remuneração. Haja vista a alcunha pela qual era conhecido, Nêgo Chico não podia

⁴⁵ O Momento. Campina Grande. Ano I, Nº 2, 24 setembro de 1950.

⁴⁶ Na época, Boa Vista (hoje município de Boa Vista) era um dos distritos de Campina Grande, distante 42km da sede do município.

ser considerado um fiel e autêntico seguidor dos postulados encetados pelos *sportmen*.

Esta e muitas outras posturas eram saídas encontradas pelas equipes e atletas, no sentido de amenizar a carga pejorativa que o profissionalismo agregava, transparecendo o quão renhido era o processo de institucionalização do futebol, como entidade difusora de princípios sublimes. De fato, o sentimento fraterno, que, a bem da verdade, não chegava sequer a consolidar-se plenamente no cenário esportivo, esmorecia precariamente com a profissionalização dos atletas. A identidade com o clube, já combalida, e com seus colegas da bola desfalecia pelo desenraizamento oriundo da frieza contratual que contaminava o ambiente pebolístico.

Uma migração discursiva aqui se fazia atuante, após a vulgarização do ofício atlético e das vantagens daí carreadas. *Pari passu* ao assédio dos clubes de maior expressão a certos jogadores, a imagem depreciada do profissionalismo dava lugar à noção de eficiência. Contar com jogadores profissionais virava sinônimo, nesta nova ordem, de equipe organizada, produtiva e vitoriosa. Basta, para tanto, visualizar a análise que o cronista esportivo, em 30 de setembro de 1950, fazia do Ceará, reconhecidamente um clube de categoria: "trata-se da única associação esportiva em todo o norte, que possui um plantel constituído exclusivamente de profissionais"⁴⁷.

O metamorfoseamento desta perspectiva levava em conta, numa escala elástica, as decepções esportivas experimentadas pelo *scratch* canarinho. O futebol vistoso, técnico e cordial não trazia ao Brasil os resultados positivos que desejava nas competições internacionais. Mesmo que a conquista de títulos não fosse o

⁴⁷ O Momento. Campina Grande. Ano I, Nº 3, 30 setembro de 1950.

desiderato dos refinados *sportmen*, o concreto é que as sucessivas derrotas do selecionado impingia a necessidade de convocar os jogadores que, profissionais, sabiam ao certo os atalhos do gramado, ainda quando não se comportavam “adequadamente”. Não por mero acaso, o respeitado cronista Mário Filho, em julho de 1957, asseverava que “o Treze nos mostra quando a fibra vale mais do que a classe”. Elogiava o esquadrão alvinegro para, por conseguinte, criticar a seleção que disputaria a Copa do Mundo na Suécia, em 1958:

No ano seguinte, (...) o Brasil vai mandar uns 22 jogadores elegantes, manejadores perfeitos do balão de couro, desfibrados, tristonhos da patria distante (...) os nossos ‘cracks’ vão à Europa cheios de pompas e voltarão, como sempre, com a taça de terceiro colocado⁴⁸.

Assim, o desfile de elegância e o placar moral favorável não mais contentavam. Acredita-se que não era por razões de ordem técnica que Edson Arantes do Nascimento, ou melhor, Pelé, coroado *a posteriori* atleta do século, iniciava aquele torneio no banco de reservas. A resistência a atletas negros e pobres, muito embora sorrateira, ainda era muito forte. Basta observar o caso de Leônidas da Silva, vulgarmente alcunhado de diamante negro: em 1932 acusado de furto numa partida realizada em Santos-SP, na qual defendia as cores de uma delegação formada para angariar fundos à comitiva brasileira que disputaria às Olimpíadas, Leônidas era só dias depois inocentado do crime por falta de provas.

Quanto à rarefação do amadorismo nos grêmios, irônicas eram as palavras do cronista Cristino Pimentel, que não fugia “à penitência de se confessar avêssô ao futebol”:

⁴⁸ Correio Esportivo. Recife. Ano I, Nº 2, Julho de 1957.

De 1929 a esta data (1958), têm sido criado muitos outros clubes pebolísticos, mas sem o entusiasmo do tempo do futebol amadorista, não sabemos se devido à febre profissionalista que existe atualmente na família esportista ou se derivado do utilitarismo, que tomou conta de quase todos os centros desportivos do país⁴⁹.

À inquietude deste escritor, responde-se que profissionalismo e utilitarismo, não só no sufixo, provinham do mesmo berço genético, partilhando a similar seiva entusiástica da qual sentia saudade Pimentel. Ora, a pugna pela eficiência fazia com que as agremiações admitissem profissionais e melhorassem o rendimento de suas equipes. Teoricamente, os praticantes casuais ressentiam de um desempenho satisfatório, em comparação àqueles que dedicavam o seu *metier* às parábolas da pelota.

O próprio Treze F.C. já possuía no seu time, em setembro de 1950, sete profissionais da pelota, a saber, Felix, Urai, J. Luiz, Edinho, Ze Pequeno, Ruivo e Hercílio⁵⁰. Logo, o ofício futebolístico não tomava de assalto a presença de jogadores amadores. Este processo gradual tinha o condão de formar, em alguns clubes, quadro principal e amador. O Galo da Borborema, aparentemente o grêmio mais estruturado em 1953, comandava o quadro de profissionais, o qual disputava a partida interestadual contra a forte esquadra do ABC de Natal, e o time de amadores, que participava do certame organizado pela Liga de Desportos Campinense, no qual, inclusive, se sagrara campeão da temporada 1952⁵¹.

Como já era de se esperar, o profissionalismo impedia os sócios dos clubes de praticar o esporte-rei. A solução fomentada pela diretoria trezeana era organizar

⁴⁹ PIMENTEL, Cristino. **Pedaços da História de Campina Grande – 2º**. Vol. de “Abrindo o livro do passado”. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1958.

⁵⁰ O Momento. Campina Grande. Ano I, Nº 3, 30 setembro de 1950.

⁵¹ Semanário Esportivo. Campina Grande. Ano I, Nº 1, 10 agosto de 1953.

um torneio interno, para o qual podiam inscrever-se clubes compostos de atletas associados. Todavia, distinto do que podia aparentar, esta clivagem amadorismo/profissionalismo não possuía fronteiras bem definidas. Profissionais, em tese de técnica mais apurada, costumavam aparecer em *matches* amadoristas, e esta transfusão de status incomodava os dirigentes de muitos clubes. Entrevistado sobre a possibilidade de a sociedade que administrava conquistar o caneco municipal, o Presidente do Paulistano, identificado como Chico Lima, aduzia, em 1953, que “se o campeonato fôsse realizado com amadores de verdade”, teria a certeza do título⁵².

Diante do exposto, convém constatar a mobilidade que qualificava as linhas divisórias do profissionalismo. Durante a instituição do esporte-rei, este fenômeno experimentava das agruras da rejeição, ao oportunismo dos atletas. Árido é, desta forma, enquadrar numa forma estática ou estanque este conteúdo, bem como encontrar substância para enxertar em moldes predefinidos. Observam-se ruídos estridentes e cabos soltos nesta proposta social meticulosamente embrulhada e empacotada, razão pela qual é inexequível pensar o período a partir de uma linearidade insuspeita ou de uma evolução escatológica. Vez por outra, depara-se com registros que invertem, de cabeça para baixo, a ordem instituída das coisas. Patentes, portanto, os deslocamentos, descontinuidades, desencontros e estratégias que permeavam o processo de profissionalização dos elencos campinenses.

⁵² Idem.

CAPÍTULO III

DIFERENTES FASES DO FUTEBOL CAMPINENSE: ARRANQUES E ATROPELOS

Sob o prisma para o qual fora imaginado, o futebol campinense carecia, desde a emergência do primeiro clube local, o High-Life Sport Club, fundado em 1914, de uma entidade que gerisse os seus destinos, representando aqueles que se dispunham a praticar uma atividade física, e elaborando um corpo normativo para controlar e domesticar o impulso dos atletas. Eis que surgia em 1926 a Liga de Desportos Campinense, sob a presidência de Lino Fernandes de Azevedo, com a incumbência de disciplinar a prática do futebol, avocando o direito e a prerrogativa de responder pelo esporte campinense. As competições, doravante, passavam a ser chanceladas por esta nova mentora.

No início dos anos 30, parecia ter arrefecida a realização de jogos sob a batuta da LDC. Há poucos registros de atividade institucionalizada neste ínterim. Uma versão oficial, por deveras suspeita, atribui à ausência do *sportman* Bióca, em Campina Grande, a responsabilidade pela desarticulação do futebol, como se este bastião do esporte fosse. É preferível crer que o esporte bretão, mesmo sem o estímulo do órgão gestor, continuava a polvilhar o cotidiano dos campinenses, com prioridade não para quem assistia às partidas, mas para quem dela diretamente participava. Socorre-se, desta feita, à memória cidadina, para destacar que, após eleger como improvisada cancha a Rua João Leite, hoje Pres. João Pessoa, “o

futebol passou a ser praticado no Largo da Matriz, em seguida, na Rua Otacílio de Albuquerque, e, posteriormente, até 1936, foi jogado nos currais de gado”⁵³.

Portanto, é insustentável defender esta hipótese, cujo eixo argumentativo se embasa no afastamento da cidade, entre os anos 30 a 36, de um desportista, por mais respeito e admiração que cultivava entre seus semelhantes. Enquanto praticado nas várzeas e arrabaldes do município, seja em currais de gado, seja em logradouros planejados, o fato é que um esporte, com a penetração social que o futebol alcançava, não podia ter desaparecido abruptamente, sobretudo porque, antes da saída de Bióca, em 27 de outubro de 1928, já se atestara que “as ruas da cidade estão transformadas em campos de foot-ball”⁵⁴.

Outro aspecto a ponderar se refere à desativação do Departamento de Futebol do Treze F.C. no período *sub examine*. Na qualidade de agremiação que patrulhava com galhardia as hostes do futebol campinense, nada mais arrogante do que sugerir a derrocada do esporte na cidade porque um clube fechava as suas portas. É indiscutível que a decisão galista pesava, em face da sua importância no cenário esportivo local. Mas, não se pode apagar da memória que, no interregno supracitado, outras instituições apareciam ou continuavam suas atividades, tais como Ipiranga F.C., São José Clube, 7 Esporte Clube, entre outros.

É bem provável que o repentino ostracismo daquele personagem tenha provocado, sim, o trancamento dos portões trezeanos, até porque, na condição de sócio-fundador, exercia influência considerável neste meio, o que, por outro lado, não atenuava a frequência ou o entusiasmo com que os demais desportistas se esbaldavam nos campos locais. Além do mais, era prática habitual a “miscigenação” de jogadores em algumas associações. Ou seja, havia atletas que defendiam as

⁵³ Livro do Município de Campina Grande. João Pessoa: Unigraf – União Artes Gráficas LTDA, 1984.

⁵⁴ O Século. Campina Grande. Anno I, Num. 14, 27 outubro de 1928. p. 4.

cores de dois ou mais clubes, sem que isso fosse visto com menosprezo. Em 1928, abria-se um volátil canal de comunicação entre o Treze F.C. e o Humaytá Club, de maneira que jogadores do esquadrão galista se atreviam na escalação deste sodalício, e vice-versa⁵⁵.

Desta forma, findando as atividades de um grêmio, como era o caso do Treze F.C., os jogadores não paravam no tempo, renunciando ao seu histórico futebolístico. Migravam para outras instituições, no sentido de evitar que a peteca, ou melhor, a pelota caísse. Forçando as evidências, pode sugerir-se, inclusive, que este vai-e-vem de atletas era ressonância, em última análise, de um incipiente profissionalismo amarronzado.

Deixando o ambiente meramente hipotético, cientes destes apontamentos, as razões maiores para o enfraquecimento do jogo legitimado parecem ter sido as inúmeras contendas políticas que pairavam ora na LDC, ora em alguns clubes, bem como, principalmente, a postura de jogadores e torcedores nas arenas futebolísticas. Sobre o comportamento destes últimos, retomar-se-á o tema adiante.

De fato, tutelar o ramal esportivo da cidade rendia um prestígio reservado para poucos. Quando, em 1937, a Associação Desportiva Campinense, em substituição à LDC, assumia as rédeas dos esportes e, em consequência, do futebol, o fazia pelas mãos de seu presidente Zacharias do Ó, "conhecido comerciante de nossa praça e figura de destaque no meio social campinense"⁵⁶. O desporto não era entregue a qualquer aventureiro, mas a um membro da elite que desejava encontrar nas modalidades esportivas coerência e similitude, a serviço de seu discurso civilizatório.

⁵⁵ Treze..., Campina Grande. Anno I, Nº 2, 15 novembro de 1928.

⁵⁶ Voz da Borborema. Campina Grande. Anno I, Num. 9, 14 de agosto de 1937. p. 3.

Este novo ente, defendendo com unhas e dentes a bandeira disciplinar, trilhava uma nova rota para o futebol, uma vez que “Campina Grande, cidade leader do ‘foot-ball’ na Parahyba, revive nova phase, maior e mais brilhante que as anteriores, graças á dedicação do presidente dessa sociedade”. Justapondo normas que abarcavam também a atividade extra-campo, a ADC passava a promover os *matches* e campeonatos locais, a fim de “levar a efeito uma temporada desportiva á altura dos nossos foros de cultura e civilização”⁵⁷.

O desejo de “manter durante todo o campeonato o espirito de ordem, de disciplina e sobretudo de cordialidade”, de modo a praticar “desportos com a elegancia de que a éthica social está a exigir”⁵⁸, recaia, com vazão liberada, sobre o dorso dos grêmios modestos. O caso do Flamengo E. Clube, fundado em 19 de setembro de 1936, espelha bem o que se aguardava de sociedades menos abastadas. Derrotado pelo placar de 1x0, na porfia contra a representação trezeana, no dia 3 de setembro de 1937, a atuação de seus jogadores era festejada pela imprensa local, como prova de que os louros da vitória estavam ao alcance de quem se direcionava pelo leme da disciplina. Isto porque

...transpondo barreiras, sem desfalecimento, vae a mocidade flamenga denotando de que é capaz o esforço e a boa vontade. Mocidade que sente, e comprehende que não se controé destruindo, deu-nos (...) um demonstrativo do que seja capaz o foot-ball disciplinado⁵⁹.

Este discurso morigerado e metódico a estes clubes destinado pautava as recomendações dos anos 40, década em que a cidade se expandia e tocava bairros longínquos. O Paulistano Esporte Clube, que, no mesmo mês de setembro, mas de

⁵⁷ Voz da Borborema. Campina Grande. Anno I, Num. 11, 21 agosto de 1937.

⁵⁸ Voz da Borborema. Campina Grande. Anno I, Num. 9, 14 agosto de 1937.

⁵⁹ Voz da Borborema. Campina Grande. Anno I, Num. 15, 4 setembro de 1937.

1950, inaugurava as instalações da nova sede, contribuindo para o incremento da sua vida social e cultural, era visto como uma “entidade tradicional, que se projetou pelo esforço e tenacidade de seus dirigentes”⁶⁰. Almejava-se, com estes símbolos de superação, creditar aos valores do trabalho, abnegação e regramento a habilidade de alavancar associações compostas de diversos elementos sociais. Esta vigília era condição *sine qua non* à participação destes grêmios nos concursos municipais oficializados pela LDC ou ADC. Côncio de que era inviável restringir o futebol a alguns círculos sociais, os *sportmen* utilizavam o esporte bretão para levar a cabo a disseminação da civilidade, que, ao contrário das premissas preconceituosas, não ficava adstrita à porção “rasteira” da sociedade campinense, mas se dirigia, e com maior ênfase, aos indiscretos e incautos “mocinhos engravatados” e à burguesia rural⁶¹.

A regência do futebol por Zacharias do Ó, sob os auspícios da ADC, não se estendera por muitos anos. Em novembro de 1937, o presidente afastava-se da entidade, alegando desconforto e decepção com o cenário desportivo local:

...não há a precisa disciplina entre a maioria d'aquelles que a compõem, uma vez, por defeito, originado pela pratica de um acto, mesmo de justiça, e as mais das vezes, por ambição de mando, o que tem sido a origem de muitas decepções⁶².

As tramas de bastidores dificultavam a organização oficial de um esporte que já não andava bem das pernas. O controle da prática pebolística escapava pelos

⁶⁰ O Momento. Campina Grande. Ano I, Num. 3, 30 setembro de 1950.

⁶¹ A elite local era dividida, no final do Império, por Epaminondas Câmara em burguesia urbana, formada sobretudo por comerciantes vindos de fora, e burguesia rural, composta por grandes proprietários rurais e descendentes de famílias antigas com projeção social. Esta cisão, muito embora volúvel, permanecia vigente em Campina Grande, na primeira metade do século XX. CÂMARA, Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande: esboço histórico-social do povo e da vida (1697 – 1864)**. Campina Grande: Livraria Moderna, 1943.

⁶² Voz da Borborema. Campina Grande. Anno I, Num. 36, 13 novembro de 1937. p. 4.

dedos dos *sportmen*. Como se verá a seguir, o saneamento social e moral do município não surtiam o efeito colimado; o futebol descambava, quase sempre, para a violência; os praticantes deste jogo, na qualidade de sujeitos históricos, recepcionavam diferentemente os discursos que partiam do púlpito esportivo; boa parte da elite não se entusiasmava com um esporte agressivo e contraditório; enfim, as tensões e antagonismos que calcavam este projeto civilizatório deixavam a mostra as vísceras de um processo turbulento e caótico.

3.1 OS PERCALÇOS E PRECONCEITOS DAS REFORMAS URBANAS

A constatação de Mauro Luna, em dezembro de 1923, conforme o qual

...deixámos bem accentuada a diferença existente entre a Campina de hontem – Cidade amoldada ás ignobeis praxes dos meios estreitos – e Campina de hoje – cidade progressista, estuante de vida e onde o trabalho assume proporções admiraveis, de par com a intelligencia, que proliféra constantemente⁶³,

varria para debaixo do tapete os inúmeros problemas que incomodavam os poderes instituídos.

Como enunciado, o futebol, quando de sua implantação em Campina Grande, alinhava-se ao plano sociocultural que, grosso modo, alçaria a cidade à condição de capital cultural. Este desiderato era subvencionado pela opulência econômica local e idealizado por uma fração da sociedade que procurava suprimir hábitos rurais, tidos como atrasados. Discursos que informavam ser Campina Grande o maior representante de algo na Paraíba, no Brasil e, quiçá, no Mundo, eram produzidos

⁶³ Gazeta do Sertão. Campina Grande. Anno I, segunda phase, 8 dezembro de 1923.

justamente para consolidar esta suposta capacidade inata da cidade ao progresso. Embora no papel este objetivo parecesse completo e compacto, na prática, colecionava tombos e discórdias.

Carro-chefe de uma nova concepção urbanista, as reformas estruturais empreendidas na cidade, sobretudo na administração do prefeito Vergniaud Wanderley⁶⁴, a fim de alargar as ruas, exterminar os becos e expulsar os indesejados para os subúrbios, na tentativa de emprestar à cidade um *layout* próprio dos centros civilizados, não garantiam a limpeza espacial, nem social sonhadas. O município sofria, antes deste plano estilizante, com problema de abastecimento d'água, assim como vivia constantemente às escuras, por dispor de um sistema energético deficitário. Indignada, a imprensa local, em novembro de 1928, ressaltava que não podia ficar destituída de luz, a depender de candeeiros, “uma cidade como a nossa, famosa pela sua cultura e pelo seu real desenvolvimento em todos os ramos da atividade humana”⁶⁵.

Outra preocupação recorrente dizia respeito à manutenção da salubridade social nos logradouros públicos. Era denunciada a proliferação de casas que tinham, como atrativo primordial, o tráfico de carícias. Estes recôncavos da luxúria e da concupiscência desafiavam o pudor público e alimentavam o espírito desviante dos fracos em princípios. Esta pseudo moralidade escondia, na escurreita conduta diuturna, a devassidão social noturna. Várias pessoas escreviam aos jornais para protestar contra o posicionamento de alguns meretrícios, pontos de passagem das famílias campinenses. Não bastava o demérito social; fazia-se necessária a

⁶⁴ O prefeito Vergniaud Wanderley administrou Campina Grande em dois momentos: de 18 de novembro de 1935 a 16 de novembro de 1937, e de 20 de agosto de 1940 a 19 de março de 1945, o que totaliza, aproximadamente, 7 anos de direção político-administrativa.

⁶⁵ O Século. Campina Grande. Anno I, Num. 20, 17 novembro de 1928. p. 4.

expropriação destes estabelecimentos do centro municipal, eis que incompatível à cultura exalada pelos nobres filhos da terra.

As tensões geradas por esta imunização espacial e humana são evidentes. Além de desapropriar marginalizados e desfazer vielas lúgubres, os abonados também tinham de se render à reestruturação urbanística. Despojados, muitas vezes, de propriedades valorizadas pela sua demarcação geográfica, esta elite indispunha-se com a anulação de um símbolo que representava seu status.

Fábio Gutemberg R. B. de Sousa, a respeito desta nova forma de conceber o espaço urbano, assim se pronuncia:

Esse (novo) olhar não percebia como problema apenas as habitações e moradias populares, mas toda e qualquer construção, meio de transporte e hábito que estivessem fora dos padrões aceitos como modernos, o que atingia antigos casarões coloniais, hábitos e práticas políticas esposadas pelas elites proprietárias remanescente das hostes imperiais, ou mesmo por novos ricos a elas associados⁶⁶.

A tentativa de afastar certos corpos estranhos da visibilidade urbana não lograva êxito, assim como infecundo era o fechamento de algumas “firmas comerciais”, posto que, a cada empurrão às linhas marginais, os inoportunos retornavam de soslaio ao proscênio municipal. Em 1950, eram reiteradas as campanhas em face da proliferação de pedintes. O primeiro centurião da recém inaugurada diocese de Campina Grande, bispo Dom Anselmo Pietrulla, abraçava esta causa, no intento de profligar a mendicância que campeava na Serra da Borborema. Em 8 de outubro deste ano, apesar da idade avançada desta inquietude, porquanto atormentava a “burguesia urbana” intermitentemente, temia-se um mal que, em letargia, parecia ter acordado mais uma vez:

⁶⁶ Ó, Alarcon Agra do. et al. **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. 2 ed. João Pessoa: Idéia, 2005.

não vai nenhum exagero ou sensacionalismo quando afirmamos que mendigos abandonados invadem as ruas da cidade, numa demonstração eloqüente de que o problema da mendicância em Campina Grande é uma realidade indiscutível⁶⁷.

De fato, em 28 de julho de 1952, mesmo após a “desinfecção” da cidade, o jornal O Globo estampava, na primeira página, uma notícia um tanto quanto desabonadora. Para uma urbe que respirava cultura e transpirava desenvolvimento, era inconcebível que, no seu moderno ventre, existisse um imundo e fétido curral bovino, mediano a embocadura das artérias Marquês do Herval e Cardoso Viera. Sendo “uma cidade de progresso”, este descalabro visual comprometia e deprimia o “bom nome da mais progressista cidade do Estado”. Restava, portanto, ao redator lamuriar os bons tempos administrativos do prefeito Wanderley, a quem, constituído de “fibra”, eram exortados os méritos de uma reforma “em benefício da cidade”.

Ante o assinalado, se quer explicitar a fragilidade do discurso civilizatório. Tanto era assim que o cronista, identificado como Joteme, na época mencionada, descrevia que “Campina Grande, apesar do seu progresso econômico-financeiro, ainda não pode se desfazer, como ainda se desfizeram outras cidades mais adiantadas, das tropas de jumentos”⁶⁸. Conquanto detentora de um formidável arsenal financeiro, os seus habitantes não se desvencilhavam de hábitos tradicionais e idéias proselitistas, o que desmonta esta perspectiva agigantada do município.

3.2 CULTO AO FUTEBOL E À CIVILIDADE?

⁶⁷ O Momento. Campina Grande. Ano I, Num. 4, 8 outubro de 1950.

⁶⁸ O Globo. Campina Grande. Ano I, Num. 3, 28 julho de 1952. p. 1.

O esporte-rei não podia ficar alheio ao trânsito de idéias que tomava corpo na cidade: da mesma forma que ressoava o projeto educacional e progressista em andamento, explicitava as hesitações e desentendimentos da sociedade. Se incoerente e dúbio o quadro social em que estava mergulhado, igualmente irresoluto e vacilante seriam os seus passos.

Pretensamente empregado como vetor de instrução, via-se que o futebol caminhava em sentido inverso. Lutas corporais e balbúrdias pontuavam a consolidação deste esporte em Campina Grande. Antes de adentrar nesta temática, é sintomático reparar que a barbárie dos gramados representava o raio-x de uma sociedade igualmente violenta. A cidade pacata e ordeira, aos quatro cantos anunciada, não referendava a realidade subjacente. Em dezembro de 1928, espetáculos de selvageria repetiam-se nas vias públicas, “a provocar escândalos a nossa cultura e grau de adiantamento”⁶⁹. A racionalidade defendida pelos *sportmen* era rasgada à mesma velocidade do apito sonoro dos árbitros.

Quase três décadas após estes entreveros, em junho de 1954, quando o município já havia sido alvejado, supostamente, pelos tentáculos da modernidade, no texto intitulado “A impunidade do Crime”, Willian Ramos Tejo publicava a “Lei do cacete e da bala”. Não obstante a desídia do legislador em promulgar o inteiro teor do corpo normativo, o cronista entregava de bandeja ao leitor o arcaico sistema coronelista ainda triunfante: “um detento não pôde votar, mas, um criminoso solto é um voto garantido”. No local onde se refestelava a cultura, o banditismo falava mais alto, expulsando do centro urbano não só a escória marginalizada, mas a segurança

⁶⁹ O Século. Campina Grande. Anno I, Num. 23, 1 dezembro de 1928.

dos munícipes, razão pela qual “talvez as duas únicas criaturas que não usem armas sejam os delegados de polícia”⁷⁰.

A imagem robusta e destemida dos irmãos telúricos não interessava à elite ilustrada. O reforço de idéias jurássicas, em razão das quais as lides eram resolvidas pela força privada e os negócios eram apalavrados, franzia-lhe a testa. Isto porque a sociedade moderna criara mecanismos e instrumentos para solucionar estes impasses. A figura dos contratos solenes e o fortalecimento de instituições públicas, entre outras medidas, visavam esvaziar e esgotar práticas que lembrassem o cotidiano acanhado, simplista e rudimentar. A impessoalidade que deveria permear as relações humanas céleres e fugazes não combinava com os tratos de boca, a violência privada e a justiça com as próprias mãos. Era culto e civilizado quem se valia do maquinário estatal, das leis vigentes e dos acordos escritos e subscritos.

Neste contexto, o poder de quem falava mais alto, seja pelo respaldo econômico, seja pelas alianças políticas, opunha-se à razão técnica trazida pela modernidade. Entretanto, não é prudente esperar cortesia e educação no futebol, se acostumados estavam seus praticantes a vivenciar, cotidianamente, a intolerância de seus pares.

Numa partida realizada em março de 1929, entre Treze F.C. e um *scratch* da LDC, via-se mais uma virulenta e conturbada tarde de domingo. Os jogadores deixavam a bola de lado e partiam para a agressão física, sem pensar duas vezes. A situação tornava-se insustentável. Os árbitros, malgrado o conhecimento teórico das regras, não conseguiam deter e coibir a insolência e os atos de indisciplina dos jogadores. Mesmo que em algumas ocasiões tentassem contemporizar o desprate

⁷⁰ Jornal de Campina. Campina Grande. Ano II, Num. 116, 27 junho de 1954.

dos atletas, o jogo de cintura da arbitragem era incipiente, o que redundava em poucos resultados práticos. Desta forma, a partida em comento era

...prejudicada de principio a fim pela inconveniencia de torcedores exaltados e inconscientes, que provocavam disturbios e invadiram a area de jogos da praça, para intervir em contendas de jogadores, que poderiam ser resolvidas somente pelo juiz e autoridades desportivas⁷¹.

Como se não fossem suficientes as refregas entre jogadores, prenunciadas por lances viris e de força excessiva, estas desavenças contaminavam as arquibancadas, simbólicas panelas de pressão, prestes a estourar.

Enviava-se, por fim, um recado:

...ao Sr. Delegado, a quem incumbe zelar pela segurança dos cidadãos, recommendamos comparecer em pessoa aos jogos de foot-ball, que se estão tomando em nossa terra motivo para graves dissídios, afim de que SS possa verificar a verdade do que está acima e a justiça e da censura da policia, que não cumpro, no ultimo domingo, o seu dever de mantenedora da ordem pública⁷².

Deste fragmento, é possível deduzir outro problema corrente. Boa parte da platéia enfurecida e vociferante mantinha promíscuas relações políticas com os poderes instituídos. Qual era o policial ou soldado raso que, num ato de acinte, se insurgiria contra um inquieto e bem relacionado torcedor? Não se estava a condenar uma atitude isolada, pois era levado em conta o currículo social daquele que a praticava. Daí porque estes assistentes pintavam e bordavam nos estádios de futebol, sob as barbas do policiamento, que, conivente, fazia vistas grossas.

⁷¹ O Século. Campina Grande. Anno I, Num. 27, 2 março de 1929.

⁷² Idem.

O comportamento anti-social dos expectadores nos eventos recreativos testava a paciência da “burguesia ilustrada”. Nas festividades em comemoração ao descobrimento da América, em 12 de outubro de 1928, “o modo indelicado por que diversos moços da nossa melhor sociedade estavam se portando, a ponto de ser precisa a intervenção da polícia”⁷³, provocava vertigens na refinada platéia. Enquanto havia a preocupação com a postura e presença dos pobres nos espaços públicos, a juventude abastada era quem protagonizava cenas que indignavam as autoridades campinenses.

Notem que as atitudes tresloucadas dos assistentes não eram privilégios do viveiro esportivo, mas modismos presentes em todos os centros de diversão campinense. “Pilheria de mau gosto, pornografias, pontas de cigarros jogados para cima, fumaças partidas da bôca de fumantes sem educação”⁷⁴, em 1950, eram hábitos que não condiziam com torcedores de fino trato. O repúdio à maneira inconveniente de se portar, incompatível com o caráter familiar que deveria assumir o jogo de bola, conjugado ao público atraído pela popularização do esporte, ao qual era dedicada a marginalização social, fazia com que “os footings domingueiros” tornassem “ambientes impróprios para aqueles que se presam”⁷⁵.

A molecagem, a quem era creditada a indecência de gestos e palavras, fornece indícios sobre o arrebatamento popular do jogo nos círculos juvenis. Mesmo assim, em razão da pancadaria desenfreada, algumas associações, sobretudo as reticentes ao esporte bretão, desativavam suas canchas pebolísticas. Exemplo maior deste movimento, o Campinense Club, conhecido por aristocrático nas rodas sociais, no traslado entre os anos 1919 e 1920, vetava o seu prestimoso

⁷³ O Século. Campina Grande. Anno I, Num. 12, 13 outubro de 1928. p. 4.

⁷⁴ O Momento. Campina Grande. Ano I, Nº. 6, 29 outubro de 1950.

⁷⁵ O Momento. Campina Grande. Ano I, Nº 5, 15 outubro de 1950.

Departamento de Futebol. Como geralmente as partidas não chegavam ao termo final, preferia o Clube Cartola coibir o jogo, antes que este manchasse a sua imagem imaculada.

Esta oposição aos pontapés do esporte-rei cedia terreno a que outras modalidades angariassem respeito e simpatia dos campinenses. Corolário deste curso, o jogo de vôlei expandia-se nos grêmios locais e, o que é mais importante, nos estabelecimentos educacionais do município. Uma característica basilar distingue o jogo de mão, e o torna singular: uma rede que separa a zona de atuação dos jogadores, de maneira que, a princípio, não há possibilidade de contato físico entre os contendores. Justo por isso, receosos com a brutalidade do futebol, preferia uma camada da elite praticar o vôlei, afeita que era às atividades esportivas incentivadas pelo discurso corporal. Disputado por jogadores elitizados, a partida realizada no Campinense Club, no dia 1 de setembro de 1937, demandava um público de semelhante linhagem: “a assistencia será devidamente localizada, havendo lugar reservado para as famílias”⁷⁶.

3.3 FUTEBOL E “OUTROS” ESPORTES

Em 1950, o vôlei já havia conquistado os seus aficionados, principalmente nos privilegiados núcleos estudantis. Promovendo uma manhã esportiva em setembro daquele ano, realizava-se no Campinense Club, principal reduto da aristocracia local, uma refinada partida de vôlei, em que se enfrentavam os colégios Alfredo Dantas e Imaculada Conceição⁷⁷. É prudente indagar, visto isso, por que os patrocinadores do banho cultural, a que era vítima Campina Grande, não se valiam

⁷⁶ Voz da Borborema. Campina Grande. Anno I, Num. 14, 1 setembro de 1937.

⁷⁷ O Momento. Campina Grande. Ano I, Nº. 3, 30 setembro de 1950.

deste jogo para disseminar seus postulados desenvolvimentistas? Tem-se como réplica que o futebol encontrava abrigo em quase todos os estratos sociais. Uns com mais entusiasmo do que outros, a pelota era atingida por pés descalços e calçados. Não havia outra modalidade esportiva que suscitava e desferia seus paradigmas, concomitantemente, a diferentes elementos sociais. Todavia, sob a nuvem disciplinar, pululavam práticas específicas e desvios conjunturais, acerca dos quais os sujeitos históricos envolvidos reagiam com heterogeneidade.

Nesta esteira, e com a missão de asfixiar a violência futebolística, a ADC, como dito, reanimava o quadro esportivo local, regido, em 1937, por regras estatutárias híidas. Seria obstada e reprimida, “para governo dos que pensam em se desmandar em abusos como em tempos passados, falta que venha atentar contra a boa pratica desportiva”⁷⁸.

A referência ao “tempo passado” deixava claro que a nova organizadora, repaginando a conduta esportiva, queria apagar o espectro violento deixado pelo jogo bretão, medida necessária à sua sobrevivência. Era premente o desejo de candidatar o futebol ao mesmo processo disciplinar pelo qual passava o pugilismo. Dispondo de um corpo normativo que controlava o impulso dos preliantes, o boxe chegava mesmo a ser saudado pela imprensa local, em 1950, ao anunciar

...um grande espetáculo de pugilismo (...) esplêndida oportunidade de assistir a um espetáculo que se desenrolará dentro das leis estatutárias que reagem o esporte da ‘nobre arte’, de acordo com os regulamentos técnicos da Confederação Brasileira de Pugilismo e da Confederação Latino-Americana de Boxe⁷⁹.

⁷⁸ Voz da Borborema. Campina Grande. Anno I, Num. 6, 4 agosto de 1937.

⁷⁹ O Momento. Campina Grande. Ano I, Nº 6, 29 outubro de 1950.

A introdução de mandamentos ordinatórios acuava a impulsividade e abrandava a violência nos esportes, instituindo maneiras de agir consentâneas às regras e valores arrolados pelo processo civilizatório. Por isso, mesmo modalidades que requisitavam o auxílio de força bruta, quando devidamente acoimados e açoitados pela rigidez de padrões técnicos, tinham úteis ensinamentos a ofertar.

3.4 FUTEBOL EM CRISE

Inobstante o comando com pulso firme, no que tange à realização dos encontros pebolísticos, a ADC não conseguia evitar os incidentes e distúrbios esportivos, muitos dignos de investigação policial. As medidas correccionais não eram suficientes a inibir, em agosto de 1937, o “modo descortez com que o elemento do ‘veterano’ se portou, abandonando o campo e insultando a entidade máxima”. Restava-lhe conclamar os esportistas a uma prática renovada, apelando ao bom senso: “Acabemos com aquella mentalidade antiga. Pugnemos pelo esporte disciplinado. Não façamos do ‘foot-ball’ um meio de discordias e intrigas. Encaremos o esporte como meio de desenvolvimento phisico e social”⁸⁰.

Esta tarefa, demandando um esforço hercúleo, enfrentava impasse e resistência na esfera interna das associações. O cronista identificado por Torres abominava a articulação de facções intraclubes, prejudicial ao espírito de colaboração mútua que devia nortear a atividade gremista. “Infelizmente, porém, existem desportistas que só procuram colaborar quando a diretoria eleita é de sua simpatia”. Seus componentes deviam agir “como bons irmãos, sangue do mesmo

⁸⁰ Voz da Borborema. Campina Grande. Anno I, Num. 12, 28 agosto de 1937. p. 4.

sangue, sempre unidos em todas as horas, primando pela harmonia e entendimento”⁸¹.

Apesar do descontentamento do cronista, algumas equipes seguiam a risca esta lógica familiar, e levavam às últimas conseqüências os “laços sanguíneos” que os uniam. Esta identificação associativa, se pacificava internamente alguns sodalícios, trazia a reboque, em compensação, a intensificação de rivalidades e o acirramento das batalhas campais. O temor que rondava a sociedade esportiva campinense referia-se à banalização destes pontapés e bordoadas nos *matches* regionais. Nada mais frustrante do que protagonizar, em plena recepção de delegações itinerantes, quando surgia a chance de apresentar aos visitantes o quão adiantado e cortês era esta paragem, *rounds* animais. Desse modo, a organização destes eventos interestaduais caprichava na pompa das festas, com programação social e participação da classe política local.

Justo por isso, na ocasião de enfrentamento entre os times Palestra Sport Club e o Centro Sportivo Encruzilhada, de Pernambuco, os jogadores visitantes eram recebidos pela madrinha do Palestra, maele Adalgisa Uchôa, que lhes oferecia “o cravo da paz”, sinal do suposto sentimento fraterno compartilhado pelos *players*⁸².

Entretanto, a imagem melindrosa daí construída perdia o brilho a cada notícia desmoralizante, que, fomentada em solo campinense, corria o Nordeste. É o caso, por oportuno, de José Idalino, ex-jogador da representação trezeana. Em outubro de 1950, este ordeiro e recatado ex-atleta confessava o latrocínio de dois jovens campinenses, Geraldo Castro e Aluisio Millet, após quarenta dias de mistério e consternação. Retornando a Campina Grande, a fim de adquirir um veículo

⁸¹ O Momento. Campina Grande. Ano I, Nº 5, 15 outubro de 1950.

⁸² O Século. Campina Grande. Anno I, Num. 13, 19 outubro de 1928. p. 4.

automotor, Zé Idalino, como era chamado, firmara um acordo preliminar com estes rapazes, os quais viajaram à Fortaleza, onde morava o algoz, para terminar o negócio. Nesta empreitada, o assassino, junto dos comparsas que compunham uma “quadrilha de ladrões de automóveis”, pusera termo, não à avença, mas a vida daqueles mancebos⁸³.

A perversidade do morticínio não era novidade no ambiente esportivo. Cientificara-se o mundo da bola de outros acontecimentos que redundaram na morte prematura de algumas pessoas. O caso acima narrado não envolvia diretamente uma represália futebolística, fato, contudo, que não deixava de negar a morigeração daqueles que respiravam esta atmosfera.

A história de Severino Gomes da Silva pode, assim, aclarar o que se está a supor. Em dezembro de 1926, quando o futebol se imiscuía na sociedade campinense, tinha este moço sua vida ceifada num torneio amistoso, em que se arrostavam clubes locais. Sem poder coar maiores registros deste fato, já é de se problematizar com o que se tem em mãos. A violência do esporte não só tumultuava as partidas, incitando as tensões que vigoravam na sociedade; passava a produzir vítimas fatais, cujo luto fúnebre não amenizava a dor e a indisposição dos familiares ao esporte britânico.

Esta mesma agressividade que espantava elementos representativos da sociedade atrapalhava, também, o reconhecimento de alguns bons jogadores campinenses. Em julho de 1928, regressava da Capital do Estado o ponta direita galista José Rodolpho, “que para ali fôra à requisição da LDP afim de tomar parte na formação do scratch, que se bateu com o Torre, do Recife a 15 deste”⁸⁴. A Liga de Desportos da Paraíba formava times representativos do que o Estado tinha de

⁸³ O Momento. Campina Grande. Ano I, Nº 5, 15 outubro de 1950.

⁸⁴ O Século. Campina Grande. Anno I, Nº 2, 21 julho de 1928. p. 2.

melhor no futebol. Além de boa performance técnica, fazia-se indispensável ao atleta demonstrar a compreensão e o respeito aos valores morais transmitidos pelo jogo. Na verdade, para integrar estes selecionados, antes do controle da pelota, o jogador devia domar seu instinto, sendo galhardo e fino, como determinava a cartilha do legítimo *sportman*. Isto explica porque, naquela partida, o futebol serrano só emprestava ao *team* paraibano um único atleta.

Nesta ótica, a grande celeuma que povoava os papos de botequim girava em torno da constatação de que a qualidade de *sportman* não importava, necessariamente, a condição de bom *player*; dificilmente, em julho de 1928, os freqüentadores assíduos da esquina da Flórida – local onde as temáticas políticas, sociais, culturais, mundanas e afins davam o tom das conversas despreziosas dos seus interlocutores, numa representação contextualizada do atual calçadão da Cardoso Vieira – não tenham comentado acerca da atuação pífia e discreta de José Eloy. Notado nas rodas futebolísticas por ter, junto com Bióca, realizado o primeiro treino do esporte em Campina Grande, e nas crônicas esportivas por ser um “optimo conhecedor do association”, o que lhe rendia, amiúde, a oportunidade de fazer as vezes de *referee*, na partida entre Treze e Ypiranga, terminada sem anotação de tentos, “nada produzio”⁸⁵.

Eloy encontrava-se no epicentro de um dilema insolúvel: até que ponto era válido prestigiar um *player*, na acepção destacada do termo, em oposição ao exímio e ignorante praticante do jogo. O cerne desta problemática não só residia na esfera esportiva, pois rompia estas barreiras e ganhava horizontes sociais.

Atribuía-se o descontrole do futebol à enxurrada popular que o havia invadido. Portanto, os *sportmen* ainda em atividade, que não se deixavam levar pelas críticas

⁸⁵ O Século. Campina Grande. Anno I, Nº. 3, 29 julho de 1928.

dos literatos locais, dentre os quais Cristino Pimentel, mencionado alhures, tinham que ser preservados, mesmo que não pusessem em prática um futebol de encher os olhos.

Diante da violência nos jogos pebolísticos, atritos estes que extrapolavam as quatro linhas do gramado, ficava árduo defender um esporte, pretensamente baluarte do refinamento e da disciplina. O contraste entre canelada e civilidade, ao passo em que rechaçava a presença de uma parcela elitista da sociedade, proporcionava o ingresso, cada vez maior, do povo nas hordas do futebol. Esta invasão massificada da população era sentida pelo editorial do jornal “O Momento”, quando lançado o seu primeiro exemplar em 1950:

Nos dias que correm um jornal por mais modesto que êle seja, já não pode deixar de manter a sua secção esportiva. Porque, acima de tudo, é preciso atender ao povo, êsse mesmo povo que formando multidões compactas, delira e chora nas praças de desportos, preso como vive às emoções das lutas esportivas⁸⁶.

Nestas palavras, escapa o entendimento segundo o qual a presença do conteúdo esportivo nos encartes comunicativos, acima de tudo, era uma carência dos munícipes, muito em razão da popularização do esporte em apreço, e não em atendimento à campanha de disciplinarização aqui enfocada. Isto reforça a idéia de que o povo campinense não era mero objeto dos discursos interessados, mas, sim, sujeito atuante e desejante, que possuía pleitos e demandas específicas, dentre as quais a de se deleitar no espaço de sociabilidade em voga e, muitas vezes, a de usufruir do profissionalismo recém implantado.

⁸⁶ O Momento. Campina Grande. Ano I, Nº 1, 17 setembro de 1950.

Não se deve sustentar, visto isso, a homogeneidade de costumes e idiosincrasias dos sujeitos que interferiam neste processo histórico. Nem a população julgava de forma equânime o arcabouço teórico que pairava sobre o futebol, nem mesmo seus gestores agiam compassadamente na direção deste projeto. A própria elite campinense, de onde se extraía a genética do *sportman*, encarava com particularidades este movimento, até porque possuía, no seu bojo, uma conformação fragmentária. Havia aqueles que indiferentes eram à atividade física, qualquer que ela fosse. Outros, por outro lado, nutriam verdadeira ojeriza aos exercícios que não se serviam de labor intelectual.

Sobre estes últimos, é de se registrar, em 17 de outubro de 1937, a fundação do clube de xadrez campinense⁸⁷. Entendiam seus praticantes que a união de forças podia frenar a ampliação e o entusiasmo que o futebol conseguia aquilatar. Anos mais tarde, em 1950, o responsável pela diletta seção literária do jornal “O Momento”, componente incontestemente desta represália, com mágoa denunciava o enfraquecimento do movimento, posto que alguns homens de letra da cidade, “por qualquer partida de futebol (...) se descuidam das coisas do espírito”⁸⁸.

Convém pontuar, também, aqueles que, aquiescendo o proveito carreado pelo esporte, preferiam praticar modalidades sem proximidade física direta; era o caso do jogo de vôlei e, por que não dizer, do clube aquático local. Por derradeiro, sobre os quais se reporta constantemente este trabalho, uma parcela da elite que, claudicante, era signatária deste projeto civilizatório. Os vértices deste amálgama social transpareciam o caráter multifacetado da elite campinense, lutando pela proeminência ideológica, com instinto de sobrevivência, na dinâmica cidade serrana.

⁸⁷ Voz da Borborema. Campina Grande. Anno I, Num. 30, 27 de outubro de 1937.

⁸⁸ O Momento. Campina Grande. Ano I, Nº 5, 15 de outubro de 1950.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo destas linhas, foi possível conceber o futebol a partir de uma perspectiva acadêmica. Não foi objetivo deste trabalho escavar a história de um clube, nem defender uma paixão retida por alguma agremiação. De fato, não é fácil distanciar-se de uma lógica local para a qual, enquanto inserido na sociedade, se contribui, fazendo coro e voz. Todavia, a ânsia pelo saber científico falou mais alto, na medida em que relativizou discursos tendenciosos e, neste momento, se relativizou, tendo em vista o necessário e produtivo envolvimento marital com o tema.

Certo desta preocupação, viu-se que a sociedade e o futebol mantêm promíscuas relações políticas, por meio das quais apinham signos comportamentais, valores de convivência, modelos de conduta e inconformismos ideológicos, resultantes do implemento compulsório de uma maneira de enxergar as variantes sociais. A partir deste fio condutor, passagem, frise-se, de ida e volta, tornou-se praticável estudar o futebol, com as peculiaridades que o caracterizaram e o fazem singular, apropriando-se deste ensejo para reconstruir as práticas culturais que pautavam e pautam o cenário campinense.

No decorrer desta caminhada, cujos limites se estendem por cinquenta anos de história, tem-se nota dos deslocamentos havidos no ambiente esportivo, talvez em virtude dos movimentos que marcaram a própria sociedade local. O jogo de bola chegou na cidade trazido pelas elites, como divertimento que distinguia o lazer de elementos sociais, e, gradativamente, convolou a tonalidade: a infiltração sutil do esporte nas camadas populares (re)significou os códigos fidalgos até então vigentes.

O futebol passou, portanto, a integrar um movimento instrutório, a fim de incluir a cidade no sopro civilizatório que sacolejava outros municípios. Notem que uma mobilidade esportiva, por menor que seja, possui agentes catalisadores oriundos do próprio seio social, de maneira que, por trazer à baila relações de dependência, uma atmosfera reflete na outra e condiciona os efeitos dos projetos modernizantes em jogo.

Ademais, enfrentou o jogo de bola, no recorte proposto, a profissionalização dos jogadores. Como visto, este processo conseguiu sair do papel no instante em que a opulência local, beneficiada pela rentabilidade da produção algodoeira, passou a financiar os clubes. A austeridade dos grêmios esportivos abrihantava e polia a imagem culta e moderna da cidade. Este ideal interessava a elite, ávida, não só pelo poder econômico, mas também pelo suporte político. O quadro futebolístico, não obstante, teve que driblar vários obstáculos neste percurso; não foi viável, em algumas oportunidades, superar barreiras bem postadas, como a violência e os conflitos políticos locais, fato que redundou na precariedade do projeto em pauta e na intangibilidade dos objetivos que lhe foram traçados.

Ante o esposado, a pesquisa bate a porta da década de 60, com uma incógnita para o futuro do futebol. Teria este esporte padecido do mal que lhe atacara ou, convalescido, gozaria nova e laureada fase? Em face desta indagação, se diz que, malgrado a qualificação finalista destas considerações, a proposta acadêmica ainda tem muito o que oferecer, sobretudo quando se constatam que, nos anos 60, os clubes campinenses conseguem, definitivamente, conquistar seu espaço no cenário nacional, nutrindo estima e respeito nos pavilhões do Brasil afora. O trabalho encerra-se nesta fase, na esperança de que a pesquisa continue e alcance os anos dourados do futebol local.

FONTES

1. Jornal do Sertão, 1917.
2. Revista Nova Era, 1921.
3. Gazeta do Sertão, 1923-1924.
4. Correio de Moreno, 1927.
5. Século, O, 1928-1929, 1959.
6. Treze..., 1928.
7. Batalha, A, 1935.
8. Jornal Educador, 1935.
9. Voz da Borborema, 1937.
10. Estudante, O, 1940.
11. Voz do Dia, 1945, 1954.
12. Estado da Paraíba, O, 1946.
13. Imprensa, A, 1947, 1949-1950.
14. Tribuna, A, 1949.
15. Momento, O, 1950.
16. Globo, O, 1952.
17. Jornal Formação, 1952.
18. Jornal do Estudante, 1953.
19. Semanário Esportivo, 1953.
20. Ordem, A, 1953.
21. Jornal de Campina, 1954.
22. Jornal do 31, 1955.
23. Correio Esportivo, 1957.

24. Gazeta da Borborema, 1957.
25. Evolução, 1958.
26. Campinense, O, 1959.
27. Semanário Oficial, 1964. Nº 372.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA DO Ó, Alarcon et. al. **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. 2 ed. João Pessoa: Idéia, 2005.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. João Pessoa: UFPB, 1979.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)**. Doutorado em História. Campinas: UNICAMP, 2001.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. Campina Grande: Edições Caravela, 1988.

_____. **Os alicerces de Campina Grande: esboço histórico-social do povo e da vida (1697-1864)**. Campina Grande: Livraria Moderna, 1943.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1. Petrópolis – RJ: Vozes, 1993.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido. Cultura e escrita: entre distinção e apropriação**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**, 2 vol. João Pessoa: A União, s/d.

ELIAS, Norberto. **O Processo Civilizador**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GURJÃO, Eliete de Queiroz et. al. **Imagens multifacetadas da história de Campina Grande**. João Pessoa: União, 2000.

KUNDERA, Milan. **A Insustentável Leveza do Ser**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.

MEDEIROS, Mário Vinícius Carneiro. **Treze Futebol Clube: 80 anos de História**. João Pessoa: União, 2006.

MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE. João Pessoa: Unigraf – União Artes Gráficas LTDA, 1984.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIMENTEL, Cristino. **Pedaços da História de Campina Grande**. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1958.

SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, metrópoles e desatinos**. Revista USP, n. 22, jun./ago. 1994.

SOUSA, Fábio Gutemberg R. B. de. **Cartografias e Imagens da cidade: Campina Grande (1920-1945)**. Doutorado em História. Campinas: UNICAMP, 2001.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. Doutorado em História. Recife: UFPE, 2002.

TREZE F.C. **Cinquenta anos de futebol (1925 – 1975)**. Recife: Recife Gráfica Editora, 1975.